

Cobertura 3

Maria,
a mãe que cuidou de Jesus,
agora cuida com carinho e preocupação materna
deste mundo ferido.

Assim como chorou
com o coração trespassado a morte de Jesus,
assim também agora se compadece
do sofrimento
dos pobres crucificados
e das criaturas deste mundo
exterminadas pelo poder humano.

Elevada ao céu,
é Mãe e Rainha de toda a criação.
Por isso, podemos pedir-Lhe
que nos ajude a contemplar este mundo
com um olhar mais sábio.

Laudato si, n° 241
Carta Encíclica do Papa Francisco



Assembleia geral 2015

SUMÁRIO - maio-junho de 2015

Abertura da Assembleia

- 132 Alocução de abertura da Assembleia geral 2015
Padre Gregory Gay, Superior geral
- 139 A Companhia hoje
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral

Eleições

- 158 Eleição da Superiora geral
Segunda-feira de Pentecostes, 25 de maio de 2015
- 160 Eleição da Superiora geral: homilia do Padre Gregory Gay
Segunda-feira de Pentecostes, 25 de maio de 2015
- 164 Eleição das Conselheiras gerais e da Assistente geral
1º e 5 de junho de 2015

Em comunhão com a Igreja

- 165 Mensagem do Santo Padre à Irmã Kathleen Appler, Superiora geral
Vaticano, 25 de maio de 2015
- 167 Visita do Núncio Apostólico na França, Dom Luigi Ventura
Homilia da Eucaristia de 27 de maio de 2015
- 174 Visita do Cardeal André Vingt-Trois, Arcebispo de Paris
Homilia da Eucaristia de 6 de junho de 2015

Conferencistas

- 177 A Comunidade de fé, lugar de audácia da caridade e força evangelizadora
Irmão Alois de Taizé
- 192 O compromisso das Filhas da Caridade na Igreja e no mundo
Padre Célestino Fernandez, cm.

Encerramento da Assembleia

206 Alocução da Irmã Kathleen Appler
Casa Mãe, 12 de junho de 2015

213 Eucaristia de encerramento
Homilia do Padre Gregory Gay, Superior geral, 12 de junho de 2015

**Favor não realizar cópias destes artigos da Assembleia geral
que são destinados unicamente para o uso interno das Filhas da Caridade**

ASSEMBLEIA GERAL DE 2015

Introdução

“*A audácia da caridade para um novo elã missionário*” foi o tema da IX Assembleia Geral que se realizou na Casa Mãe, de sexta-feira 15 de maio a sexta-feira, 12 de junho de 2015.

No dia 5 de maio de 2015, 136 Irmãs, vindas dos cinco continentes, (60 Visitadoras, 1 Regional, 75 delegadas) começaram um retiro de oito dias para se prepararem para viver esta Assembleia Geral sob a orientação do Espírito Santo.

Animado pelo Padre Bernard Schoepfer, Diretor geral, o retiro teve como tema: “*Para um novo elã missionário acolhamos o Espírito Santo, permaneçamos com Jesus, veneremos Maria, cuidemos dos pobres e os evangelizemos como Jesus*”. O Padre propôs uma reflexão para revitalizar o fervor da nossa vocação e nos convidou a nos deixar habitar sempre mais pela caridade do Cristo em vista de um novo elã missionário.

Na sexta-feira, 15 de maio, a abertura da Assembleia geral realizou-se com a Eucaristia presidida pelo Padre Gregory Gay, Superior geral. Pôde-se notar que entre os 149 membros presentes, (divididos em 74 membros de ofício e 75 membros eleitos), mais da metade participa pela primeira vez de uma Assembleia geral. As 27 Irmãs tradutoras e intérpretes permitiram uma boa comunicação entre as Irmãs.

No dia 16 de maio, Irmã Evelyne Franc lembrou os grandes acontecimentos que marcaram a vida da Companhia nestes últimos seis anos, destacando particularmente a vitalidade apostólica da Companhia. Neste mesmo dia, Irmã Pia,

Ecônoma geral, apresentou o relatório financeiro da Companhia. Nos dias que se seguiram, as Irmãs foram convidadas a explorar o Guia de trabalho elaborado a partir da Síntese de respostas das Assembleias Provinciais.

A reflexão baseou-se nos três temas principais, entendidos como preocupações comuns a todas as Províncias:

- Uma maneira de viver dinamizada pelo Evangelho.

Este primeiro tema foi enriquecido pela presença de quatro conferencistas que abriram novos horizontes.

- Um elã missionário inspirado pela caridade.

Este segundo tema foi enriquecido pela experiência missionária realizada nas Províncias.

- Uma Companhia enriquecida pela participação de todas.

Este terceiro tema foi enriquecido pelo colóquio de cada um dos membros.

Os membros da Assembleia reuniram-se em 12 grupos de 8 línguas, em três fóruns linguísticos (inglês, espanhol, francês) e em sessões plenárias para partilhar e discutir sobre estes três temas. Destes encontros e reflexões se infere uma profunda unidade da Companhia. Neste começo do terceiro milênio, expressou-se fortemente o desejo de viver a vocação com uma caridade mais audaciosa a fim de estar cada vez mais próxima dos pobres. O Documento Interassembleias testemunhará este elã dinâmico que será praticado nas realidades concretas de nossas vidas.

Os membros da Assembleia tiveram a alegria de escutar uma mensagem do Papa Francisco dirigido a nova Superiora geral, Irmã Kathleen Appler. Puderam viver duas Eucaristias, uma presidida por Dom Luigi Ventura, Núncio Apostólico na França, e outra pelo Cardeal André Vingt-Trois, Arcebispo de Paris.

Este Eco da Companhia presta conta da celebração desta Assembleia. As conferências e os testemunhos missionários que não puderam ser publicados neste número serão publicados no próximo. **Pedimos para que estes artigos da Assembleia geral não sejam fotocopiados, pois são para o uso interno das Filhas da Caridade.**

ABERTURA DA ASSEMBLEIA

**Alocução de abertura
da Assembleia geral de 2015**

Padre Gregory Gay, Superior geral
Casa Mãe, 15 de maio de 2015

Permitam-me começar este tempo que iremos passar juntos, manifestando minha gratidão pelos grandes esforços de Irmã Evelyne Franc e suas Irmãs do Conselho Geral em seu serviço à Companhia das Filhas da Caridade. O serviço de governo de uma grande e internacional Sociedade de Vida Apostólica é muito difícil e desafiador.

Observem que eu disse “*serviço*” e não “*trabalho*” porque sei que Irmã Evelyne, seu **Conselho** Geral e as Irmãs do Secretariado que as auxiliam, realizam um ministério importante de serviço, que consideram como um labor de amor para o bem da Companhia. Ao fazerem isso, elas favoreceram o funcionamento fecundo e efetivo da Companhia. À senhora, Irmã Evelyne, e às Irmãs do Conselho, dirijo um profundo e sincero agradecimento por seu serviço. Seu testemunho e exemplo deixariam nossos Santos Fundadores muito orgulhosos! Peço que a senhora e seu Conselho se levantem para que possamos manifestar nossa gratidão por seu generoso serviço.

A audácia da Caridade para um novo elã missionário: estas não são palavras, nem um slogan ou tema familiares. Não, esta é uma ideia nova. Ao começarem esta Assembleia Geral, todas já rezaram, estudaram e dialogaram cuidadosamente sobre este tema por mais de dois anos. Em suas comunicações com vocês, Irmã Evelyne compreendeu a importância e os aspectos práticos de sua aplicação, a fim de que, como resultado, esta Assembleia Geral ajude a renovar e fortalecer a Companhia.

Na primeira etapa, vocês exploraram “a audácia da Caridade para um novo elã missionário”, refletindo sobre as dimensões internas e externas deste tema. Como a “audácia da Caridade” as desafia a refletir sobre sua vocação na Companhia das Filhas da Caridade, tanto em nível pessoal quanto comunitário? De que maneira ela se manifesta em meio ao mundo de hoje e, conseqüentemente, em seus muitos serviços e missões? Estas são questões centrais nas quais esta Assembleia se deve deter e, aguardo ansioso suas discussões e propostas de ação.

Em seguida, vocês dedicaram tempo para refletir, rezar e discutir as várias dinâmicas que envolvem a aquisição da “audácia da Caridade para um novo elã missionário”. Vocês propuseram três caminhos para avançar: um percurso espiritual de união a deo Cristo, uma renovada vida comunitária e criatividade no apostolado

para servir melhor os pobres. Este talvez seja um programa ambicioso, mas, lembrem-se de que, ao enfrentar desafios em sua vida, São Vicente dizia: “A graça tem seus momentos!”. Acredito que esta é uma convicção apropriada para o momento, então, peço-lhes que façam destas palavras de São Vicente um “tema extraoficial” para esta Assembleia Geral! Que este encontro da Companhia para oração, reflexão, discernimento e tomada de decisão seja um tempo agraciado de renovação e ação!

De acordo com as suas Constituições, a Assembleia Geral “representa toda a Companhia” (C. 87a). Tem “autoridade suprema para eleger a Superiora Geral, a Assistente e as Conselheiras e estabelecer Estatutos e Decretos para o bem da Companhia observando o princípio de subsidiariedade” (C. 87d). Menciono o sentimento ilustrado pelas palavras afetuosas de Santa Luísa dirigidas às primeiras Filhas da Caridade e que são aplicáveis ainda hoje: “Peço-vos recomendar esta boa obra ao bom Deus, a fim de que nela se realize a santíssima vontade de Deus” (SL C. 432). Sei que todas aqui reunidas farão desta Assembleia uma verdadeira boa obra para a realização dos planos de Deus para a Companhia.

Usando estas frases das Constituições da Companhia que acabo de mencionar, irei explorar três pontos-chaves relevantes para esta Assembleia Geral. São eles “toda a Companhia”, “autoridade suprema” e o “princípio de subsidiariedade”. Compreendidos e aplicados adequadamente, todos três podem ajudar a realizar o que vocês desejam: “a audácia da Caridade para um novo elã missionário”.

Primeiro, como esta Assembleia é uma “amostra simbólica” de “toda a Companhia”, é importante que vocês garantam a riqueza e a profundidade da diversidade das pessoas e culturas representadas em suas Irmãs, como membros da Companhia. Quando formulamos os necessários modelos estatísticos para informação, devemos ser muito cuidadosos para que não se tornem o único determinante para interpretação do rosto, do alcance e da eficácia da Companhia. Conheço bem a importância das estatísticas. O número das Províncias, das obras, das Irmãs e das casas de formação é essencial no planejamento estratégico e no intercâmbio de informação. Contudo, se vocês não forem cuidadosas, podem deixar a Companhia ser definida pelas estatísticas e não pela riqueza dos seus membros.

A expressão “toda a Companhia” é um chamado à inclusão, a olhar além das fronteiras, dos países e continentes, percebendo profundamente que “A Caridade de Cristo crucificado as impele”. Uma triste realidade na Igreja Primitiva (e, mais tarde, em comunidades religiosas) foi a tendência muito humana de desenvolver o status de

“ortodoxos e hereges” para seus membros, frequentemente distorcido de acordo com as suas diferenças de experiência religiosa, língua, cultura ou nação de origem.

Podemos olhar para trás com pesar estes problemas do passado, assegurando-nos de que pensamos diferente agora. Entretanto, cada uma aqui deve perguntar-se: o que estou fazendo pessoalmente para promover a inclusão, a pertença e a participação de cada Irmã na Companhia? Eu consigo ver com novos olhos e escutar com novos ouvidos as esperanças e as preocupações das Irmãs que são diferentes de mim? São Vicente disse às suas primeiras comunidades: “*A caridade é o paraíso das comunidades e a alma das virtudes*” (SV XI, 2). Embora não seja a mesma coisa considerarmos uma Assembleia Geral como “paraíso”, uma das tarefas desta Assembleia é afirmar que todas as Irmãs são bem-vindas na Companhia.

Em segundo lugar, quando usamos palavras como “autoridade suprema” para descrever a Companhia, devemos ser cuidadosos porque elas podem facilmente ser mal-entendidas. A autoridade na Igreja e na Companhia é uma realidade mediadora, que flui do poder e da inspiração do Deus trino, Pai, Filho e Espírito Santo. É através da Palavra de Deus, da vida sacramental da Igreja, dos nossos Santos Fundadores, das Constituições e das estruturas da vida comunitária que nós encontramos a mediação da autoridade para discernir o presente e as orientações futuras da Companhia. Apesar desta Assembleia possuir uma autoridade única e poderosa enquanto está em sessão, seu trabalho e seus frutos são mediados por estes canais da graça de Deus.

Talvez um jeito proveitoso de compreender primeiro e exercitar esta “autoridade suprema” é através das lentes da Palavra de Deus, que é “*viva, eficaz, mais penetrante do que uma espada de dois gumes e atinge até a divisão da alma e do corpo [...] e discerne os pensamentos e intenções do coração*” (Hb 4, 12). Nas Escrituras, encontramos muitos exemplos de como devemos e não devemos exercer a autoridade. No Antigo Testamento, os israelitas se tornaram muito acomodados após terem se estabelecido na Terra Prometida e esqueceram sua própria “autoridade suprema”, a Aliança Divina com Deus. Os profetas tentaram, continuamente, levá-los de volta à aceitação do Senhor Deus como sua autoridade suprema, e a não se distraírem com lutas por riquezas deste mundo, poder ou status superficial.

Jesus define “autoridade suprema” de uma maneira que nós como seus discípulos imbuídos do nosso carisma vicentino podemos entender. Autoridade é serviço. “Eu estou no meio de vós como aquele que serve” (Lc 22, 27). No Evangelho de Marcos, dois dos discípulos tentaram conseguir para si mesmos um tratamento preferencial após a morte de Jesus, convenientemente esquecendo que o caminho da cruz é a única via que devem percorrer. Jesus estabelece o padrão para

“autoridade suprema” quando diz a eles e a nós que “todo o que quiser tornar-se grande entre vós, seja o vosso servo” (Mc 10, 43). Então, é essencial que uma autoridade baseada no Evangelho e no estilo Vicentino esteja enraizada na prontidão para ser serva humilde, à escuta umas das outras na simplicidade e honestidade, no diálogo com o objetivo de “compreender antes de ser compreendido”, parafraseando palavras de uma popular oração de São Francisco.

A terceira frase de suas Constituições destaca um elemento chave numa Assembleia Geral que é o “princípio de subsidiariedade”. Falando estritamente, não é uma ideia nova. Ela remonta até a Igreja Primitiva, quando houve o conflito entre cristãos judeus e gentios que levou à convocação do Concílio de Jerusalém. Embora às vezes a liderança da Igreja pareça muito focalizada na centralização, o princípio de subsidiariedade é um ensinamento central na Doutrina Social Católica. Introduzido pela primeira vez em 1891, pelo Papa Leão XIII na *Rerum Novarum* e, cinquenta anos depois, na *Quadragesimo Anno*, pelo Papa Pio XI, ele tem sido usado em declarações doutrinárias de Conferências de Bispos Católicos ao redor do mundo.

Este princípio voltou à tona no Concílio Vaticano II, especificamente para os membros da Vida Consagrada e Institutos Religiosos, em meio às discussões sobre “*aggiornamento*” e volta às fontes”, um apelo para a atualização de nossas práticas e retorno ao centro de nosso carisma. Rapidamente, o princípio de subsidiariedade encontrou seu caminho nas Constituições e boas práticas das comunidades religiosas. Este princípio promove a ideia de que os assuntos devem ser confiados, sempre que possível, à competente autoridade em nível local. Baseado na autonomia e dignidade do indivíduo, ele sustenta que a sociedade deve estar a serviço da pessoa humana. Um efeito tangível deste princípio hoje é que ele promove um sentido maior de responsabilidade dos membros nas comunidades locais e nos apostolados.

Assim, como o princípio de subsidiariedade se relaciona com sua Assembleia Geral? Ofereço-lhes uma citação, frequentemente atribuída a São Vicente, para sua reflexão: “O amor é inventivo ao infinito”. Quando pesquisamos a vida e as obras de nossos Fundadores, vemos que sua criatividade na evangelização e no serviço aos pobres começou em nível local, frequentemente, em resposta às necessidades imediatas. Através de sua presença, de seu paciente aconselhamento e da delegação de responsabilidades àqueles que estavam ao seu redor, eles capacitaram as primeiras Irmãs, Padres, Irmãos e leigos e os formaram para servir a Deus e aos pobres. Preocupar-se com a pessoa necessitada através da “ajuda àquele que ajuda” para alcançar o pleno potencial foi sua resposta amorosa e criativa. Séculos mais tarde, ainda podemos nos surpreender como tais pequenos esforços produziram o que

parece ser uma infinidade de boas obras. Confiança em Deus, formação competente e respeito àqueles que eles formaram levaram a inovações na evangelização e no cuidado com os pobres que são admirados e imitados quase quatro séculos depois.

Deixem-me retornar ao tema de sua Assembleia Geral: “a audácia da Caridade para um novo elã missionário”. Acredito que este tema e o trabalho preparatório realizado para organizar esta Assembleia foram oportunidades para um verdadeiro momento de graça na vida e na história da Companhia. A questão é: como vocês podem fazer desta “audácia” uma força ativa ao invés de apenas uma frase inspiradora? Como criarão e sustentarão um “elã missionário”? Como encarnarão a compaixão de Cristo e a competência de Vicente e Luísa em suas obras de caridade? Estas são questões sérias que esta Assembleia deve discutir e concretizar não apenas para sua satisfação, mas para o bem da Companhia e para os pobres e necessitados de Deus.

O Papa Francisco tem repetido que acredita que a Igreja deve estar “nas periferias” da sociedade, não apenas para servir os que são negligenciados, mas para tirar seus membros de seus lugares confortáveis em vista de uma verdadeira conversão através de uma experiência mais profunda da presença de Cristo. Ele falou na reunião da União dos Superiores Gerais, em Roma, em novembro de 2013 e eu cito detalhadamente seu comentário:

“Estou convencido de uma coisa: as grandes mudanças na história ocorreram quando a realidade não era vista a partir do centro, mas sim da periferia. Trata-se de uma questão hermenêutica: entende-se a realidade apenas se ela for olhada da periferia, e não quando nosso ponto de vista está equidistante de tudo. Para verdadeiramente entendermos a realidade, precisamos nos distanciar da posição central de calma e de paz, e nos dirigirmos às áreas periféricas. Estar aí ajuda-nos a ver e a entender melhor; ajuda-nos a analisar a realidade de forma mais correta, evitando o centralismo e abordagens ideológicas” (Roma, 29 de novembro de 2013).

Estas importantes palavras devem inspirar e desafiar esta Assembleia. Como vocês podem estimular suas Irmãs a escutar e aprender com aqueles que estão nas periferias? Com aqueles que estão nas periferias, quero dizer não apenas os pobres que vocês servem, mas as Irmãs que servem lá! Com os termos “centralismo” e “abordagens ideológicas”, o Papa Francisco nos alertou; esta Assembleia deve estar disposta a fazer o que as Constituições determinam como sua responsabilidade enquanto Assembleia Geral. Vocês devem formular resoluções e decretos que são

verdadeiramente representativos de “toda a Companhia”, usando a “autoridade suprema” confiada a vocês como liderança servidora, para criar uma Companhia mais inclusiva e que delega responsabilidades e que aceita e vive o “princípio de subsidiariedade”. Então, serão realmente capazes de realizar a “a audácia da Caridade para um novo elã missionário”.

Que o Deus Trino, Pai, Filho e Espírito Santo guie e inspire o trabalho da Assembleia Geral e que Maria, Mãe da Companhia das Filhas da Caridade interceda por nós. São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac, rogai por nós!

Padre Gregory Gay, cm
Superior geral

ABERTURA DA ASSEMBLEIA

A Companhia hoje

Alocução de Irmã Evelyne Franc
Casa Mãe, 16 de maio de 2015

Introdução

Prezados Padre Gregory, Padre Bernard, minhas queridas Irmãs,

Ontem, nosso Superior geral abriu oficialmente a nossa Assembleia e eu lhe agradeço, em nome de todas, pela mensagem que nos deu e que nos ajudará a viver este tempo de Assembleia na fé e na confiança...a hora da graça.

Ao Padre Bernard, expressei igualmente minha gratidão pelo retiro espiritual que vivemos há pouco e por seu acompanhamento discreto e pertinente nas sessões do Conselho. Permitam-me evocar dois outros Diretores gerais, o Padre Javier que nos foi “roubado” pela Assembleia geral da Congregação da Missão em 2010, o Padre Patrick que, devido aos seus problemas de saúde, teve que abreviar seu serviço de Diretor geral. Portanto, fomos beneficiadas da ajuda de três excelentes Diretores, desde a nossa última Assembleia geral, e quero agradecer ao Padre Gregory que, todas as vezes, nomeou o Diretor de que estávamos precisando.

É uma grande alegria dirigir-me a todos nesta manhã. Sei que todas nós experimentamos uma “santa impaciência” para viver plenamente esta Assembleia

geral, cujo tema, parece-me, ter tocado profundamente as Irmãs da Companhia. Vocês o constataram durante as Assembleias domésticas e provinciais e leram no resultado da síntese que receberam, no início do mês passado.

Nesta introdução, gostaria de dizer algumas palavras sobre o trabalho de preparação desta IX Assembleia geral e sobre a sua composição. Desde o Encontro das Visitadoras em 2012, uma Comissão foi constituída, sob a autoridade do Conselho geral, para dedicar-se à preparação concreta da Assembleia geral. A comissão é composta pela Assistente geral e uma Conselheira (Irmã Rosa Maria Miro e Irmã Françoise Petit), com a participação da Irmã Marie-Odile Herbet, do Secretariado geral. Como na última vez, a Comissão recebeu a ajuda da Irmã Micheline Tremblay, nossa Facilitadora, a quem mais uma vez agradeço profundamente por ter colocado seu talento e sua experiência a serviço da nossa Assembleia. Uniram-se a estas Irmãs, há apenas alguns meses, três outras Irmãs: Irmã Marjory Ann Baez, Irmã Carmen Polo e Irmã Zenaïde Rahelinirina, respectivamente Visitadora da Província de Los Altos Hills nos E.U.A. e delegadas das Províncias da Espanha Sur e de Madagascar. Esta Comissão de preparação tornou-se agora Comissão de Coordenação, com a responsabilidade de nos conduzir ao bom porto, (ontem a Irmã Rosa Maria evocou a possibilidade de engarrafamentos, da minha parte comparativamente utilizo o vocabulário marítimo) de nos ajudar a evitar os bancos de areias e rochedos, de nos fornecer o vento em caso de calmaria e dar-nos os meios para enfrentar a tempestade, se for o caso, manter o rumo e ter sempre um plano B, em caso de necessidade!

Evidentemente que o Conselho geral acompanhou de perto o trabalho desta Comissão, durante cada Conselho especial que aconteceu primeiro a cada seis semanas e depois todos os meses. O Conselho estudou os documentos apresentados, muitas vezes, sugeriu modificações, depois aprovou a versão final. Devo dizer que as Irmãs da Comissão foram pacientes e eficazes.

Destaco também a parte assumida pelas Irmãs do Secretariado, do Centro Internacional de Tradução e do Economato geral nesta preparação. Devo citar igualmente todas as Irmãs das seis Comunidades da Casa Mãe que, há muitos meses, aguardavam a sua chegada, elas rezaram e rezam por nossa Assembleia, colocaram à nossa disposição alguns dos seus locais e modificaram seus horários para facilitar nosso trabalho.

Composição

Para evocar a composição da nossa Assembleia, devemos partir da C. 87c: “o número de delegadas deve ser ao menos igual ao dos membros de ofício. Quando o número de delegadas é inferior ao dos membros de ofício, a Superiora Geral com seu Conselho, determina um método para completar o número requerido”. Ora, tínhamos 74 membros de ofício (59 Visitadoras, uma Responsável regional e uma Irmã Servente da Quase-Província, dez Conselheiras gerais, a Ecônoma geral, a Secretária geral e a Superiora geral), no entanto, tínhamos apenas 68 delegadas (uma por Província, inclusive da Quase-Província e uma delegada suplementar para oito Províncias com mais de 500 Irmãs em 1º de abril de 2014 (Madrid San Vicente, Madrid Santa Luísa, España Sur, Gijón, Pamplona, San Sebastian, San Vincenzo-Itália e Vietnã).

Logo, foi preciso encontrar um método para acrescentar delegadas e decidimos privilegiar três Províncias, as mais recentemente reconfiguradas e que tinham menos de 500 Irmãs que são: a Milagrosa Bogotá-Venezuela, Nuestra Señora de la Mision-América Sur e a Província del Caribe, assim como aquelas que têm o maior número de Irmãs nos outros continentes (Madagascar, Filipinas, pois na Ásia, no Vietnã já havia uma delegada suplementar). Escolhemos dar duas delegadas à Província do Próximo-Oriente que é composta por cinco países, de dois continentes e, pedir para a Região da Albânia-Kosovo para eleger uma delegada, de uma parte para dar um sinal de encorajamento a esta Região, cuja média de idade é a mais jovem da Companhia e, por outro lado também, porque até o último momento, ignorávamos se algumas Províncias atingiriam o número de 500 Irmãs e teriam assim duas delegadas. Portanto, temos uma Assembleia com 149 membros de direito, dividida em 74 membros de ofício e 75 delegadas. Para relembrar, a VIII Assembleia geral em 2009 estava composta por 184 membros, sendo 92 membros de ofício e 92 delegadas.

Acrescento que nossa média de idade é de 59 anos e que 81 dos 149 membros, isto é 54,3 % participam pela primeira vez de uma Assembleia geral. Algumas Visitadoras estão vindo pela segunda vez (às vezes até mais, devido às reconfigurações) e muitas delegadas tornaram-se Visitadoras. No entanto, destaco que algumas Visitadoras foram eleitas delegadas (4) e algumas delegadas estão vindo pela segunda vez (9) como delegadas. A última vez, em 2009, a porcentagem dos membros que vieram pela primeira vez foi de 59, 2%.

De fato, além dos números, o que é realmente importante é destacar que, todas nós representamos a Companhia como um todo e, que estamos aqui para nos colocar à escuta do Espírito, para aprender umas com as outras, para compreender as diversas realidades que nos rodeiam e tomar decisões para continuar o caminho.

Muitas orientações lhes serão dadas para o bom desenvolvimento da Assembleia, mas eu gostaria de destacar as condições de um bom diálogo e a necessária parte do silêncio. O bem-aventurado Paulo VI, na *Encíclica Ecclesiam Suam* deu como qualificativos para um diálogo efetivo da Igreja com o mundo: a clareza, a mansidão/respeito, a prudência e a confiança na capacidade de acolher o outro, estas condições valem igualmente para o diálogo entre nós. Quanto ao silêncio, o Papa emérito Bento XVI dizia: “*o silêncio é parte integrante da comunicação e, sem ele, não há palavras densas de conteúdo*” (Bento XVI, Mensagem para o 46º dia mundial das Comunicações sociais, 24 de janeiro de 2012). Não tenhamos medo de dedicar tempos ao silêncio durante nossas partilhas em grupo; eles valorizarão os pontos de vista partilhados e tornarão a nossa escuta mais fina.

Esforcemo-nos agora, possivelmente não fazendo memória daquilo que foi para cada uma, estes seis últimos anos, mas destacar alguns aspectos marcantes. Na realidade, trata-se para mim, de prestar contas a todos os membros da Assembleia geral, do serviço que a última Assembleia confiou às Conselheiras gerais e a mim mesma; mas desejo, ao mesmo tempo nesta manhã, apresentar-me diante de todas como uma humilde testemunha da graça de Deus, que está agindo na Companhia. É claro que eu não posso negar que existiram zonas de sombras, de dificuldades (as Irmãs que deixam a Companhia, aquelas que recusam aceitar mudanças e os obstáculos objetivos, vindo do contexto político, econômico, ecológico, etc.) que cada uma aqui também conhece; porém, minha experiência leva-me hoje ao louvor. Eu vi, nós vimos, a graça de Deus agindo na Companhia. Eu vi, nós vimos, as maravilhas realizadas no coração das Irmãs, os serviços excepcionais realizados aos pobres. Agora, vou desenvolver os seguintes pontos:

- uma Companhia muito vivaz, que evolui, se transforma;
- uma Companhia a serviço de Cristo nos pobres;
- uma Companhia que partilha que se preocupa com a formação;
- uma Companhia composta por Comunidades de fé que participam plenamente da missão da Igreja;

1. UMA COMPANHIA MUITO VIVAZ, QUE EVOLUI, E SE TRANSFORMA

• Estatísticas

Tradicionalmente, nesta intervenção, uma informação é dada sobre as estatísticas da Companhia. Todas receberam um pequeno livro onde estão agrupados os principais dados e, terão a ocasião de estudá-los tranquilamente. Digamos apenas que a Companhia contava com 19.436 Irmãs em 2009, e que atualmente somos 16.179, ou seja, 3.257 Irmãs a menos; esta diferença se explica assim: durante este período, tivemos 723 entradas, mas 3.443 falecimentos, aos quais devemos acrescentar, infelizmente, as 537 Irmãs que deixaram a Companhia, dentre elas 104 Irmãs do Seminário e 148 Irmãs que não tinham ainda pronunciado os votos pela primeira vez (e as 285 Irmãs com votos). A porcentagem de saídas é de 0,41% em 2014 (uma leve queda) e isto sempre nos leva ao seguinte questionamento: será que o período de discernimento antes da admissão foi muito rápido? Será que a formação foi bem adaptada? O Seminário nos permitiu aprofundar alguns assuntos relacionados à formação; como fruto deste encontro, nós lhes enviamos as Orientações sobre a formação destinada à Visitadora e seu Conselho e igualmente a todas as Irmãs que colaboram na formação inicial (Irmãs Serventes, Conselheiras, etc.).

Desde 2009, como o constatamos, muitas Irmãs voltaram à Casa do Pai, porém, três mortes foram particularmente trágicas: a da Irmã Brigitte, morta em 2010, durante o terremoto no Haiti, Irmã Rosa Sotelo, Ecônoma provincial do Peru, que morreu num acidente de carro, em agosto de 2012 e Irmã Miguelina Florido, Visitadora desta mesma Província do Peru, falecida em janeiro deste ano.

- **Reconfigurações**

Após o reagrupamento das seis Províncias da França que se tornaram duas Províncias em 2001 e, das duas Províncias de Graz e Salzburg em 2004, alguém saberia dizer quantas novas Províncias foram criadas, desde 2009? Foram oito. A Província de Santa Luísa-E.U.A (4 Províncias), a Província de Colônia - Países Baixos (2 Províncias), a de Graz- Europa central (3 Províncias), a da Espanha Sur (3 Províncias) e a de San Vincenzo Itália (3 Províncias), depois, temos a do Caribe (4 Províncias), a la Milagrosa Bogotá-Venezuela (2 Províncias) e a de Nuestra Señora de la Mision-América Sur (4 Províncias). Portanto, são 25 Províncias que foram reagrupadas para formar 8 novas. As Conselheiras e eu mesma, ficamos muito impressionadas com o espírito de fé, a criatividade e a coragem das Províncias em questão. Tive a graça e a alegria de participar de todas estas reconfigurações e guardo preciosas recordações. Os frutos já são visíveis, estas novas Províncias discerniram suas prioridades, fecharam algumas Comunidades e abriram outras; as Irmãs estavam

disponíveis para responder às necessidades apostólicas e mudar de região, às vezes, de países. Acrescentemos que 20 outras Províncias já iniciaram um processo de reconfiguração que findará em reagrupamentos nos próximos anos. Louvo mais uma vez, a coragem das Irmãs e sua visão de futuro. Vejo nestes reagrupamentos já efetuados ou em preparação, o resultado de um bom discernimento espiritual, uma sábia caminhada com a Providência: *“as coisas de Deus se fazem por si mesmas e que a verdadeira sabedoria consiste em seguir a Providência, passo a passo”* (SV, II, pág. 552).

- **Implantações e aberturas**

As Irmãs que participaram da Assembleia de 2009 certamente estão lembradas do envio em missão das Irmãs da Nigéria à Burquina Faso; portanto, esta nova implantação já existe há seis anos e é florescente: as Irmãs estão a serviço da Diocese de Nouna no setor social, sanitário e educacional, elas elaboram um projeto para começar uma obra para pessoas com deficiência.

Em junho de 2012, Irmãs das Províncias da África Central e da Eritreia foram enviadas para a **República Centroafricana** (Safa); esta missão também está cheia de esperança, embora as Irmãs tenham que enfrentar muitos desafios: doenças tropicais, guerra civil no país e conflitos inter-religiosos... Gostaria de comparar sua tenacidade à das Irmãs enviadas para Calais, pelos Fundadores para cuidar dos feridos e que foi preciso substituí-las pois, algumas morreram e outras ficaram doentes. Sobre esta situação São Vicente expressou estas belas palavras: *“já ouvistes dizer que haja pessoas tão desprendidas dos afetos naturais, que, sabendo de dentre quatro Irmãs que foram enviadas, uma morreu e a s outras adoeceram, e apesar disso se oferecem para as substituir e digam: ‘Senhor, estou pronta’”* (SV, conf. de 4 de agosto de 1658, pág. 809).

No dia 15 de junho de 2013, aconteceu em Tasquente, no Usbequistão, a instalação de uma Comunidade com três Irmãs da Província de Chelmno; mas, a partir do dia 9 de julho, as Irmãs tiveram que deixar esta missão, pois o governo, apesar das promessas feitas, recusou prolongar o visto de permanência, porém, ao mesmo tempo, deu a permissão às Irmãs para voltarem uma ou duas vezes por ano, durante um mês para trabalhar com a pastoral da juventude, e foi o que elas fizeram em 2014 e farão em 2015. Lembremo-nos de que nossas Irmãs polonesas da Província de Chelmno estão presentes no Cazaquistão, desde o ano 2000. Temos já três Comunidades neste país cuja população cristã é minoritária e as condições climáticas muitíssimo rigorosas e elas servem os pobres com alegria. Após às

dificuldades encontradas no Usbequistão, a Visitadora e seu Conselho abrirão brevemente uma casa na Sibéria em Slavgorod, Diocese de Novossibirsk (uma imensa diocese da Rússia onde já tínhamos duas Comunidades dependentes da Província da Eslováquia).

Observemos também a abertura da missão em Belize, em novembro de 2013. As Irmãs da Província do México e uma Irmã da Província da América Central foram as pedras desta fundação. Trata-se aqui também de servir uma população bastante marginalizada, a dos migrantes que trabalham na exploração agrícola e cuja dignidade não é respeitada pelos empregadores. As Irmãs estão ao lado deles pela pastoral e os ajudam a defender os seus direitos.

Após dez anos de presença e, segundo o que estava previsto no começo, as Irmãs da Província de Los Altos deixaram as Ilhas Cook no final de 2014. Elas eram muito queridas na paróquia e nos institutos para as pessoas com deficiência. Puderam formar funcionários leigos aptos a substituí-las. Lembro aqui de memória, que esta missão foi aberta pela iniciativa da Província da Austrália em colaboração com as Províncias da Irlanda, Grã-Bretanha e E.U.A.

Portanto, até hoje, pela graça de Deus, a Companhia está presente em 94 países.

- **Envios em missão**

Desde 2009, 37 Irmãs passaram pelo Centro Internacional Missionário e partiram em missões Ad Gentes. Elas vieram das Províncias da Polônia, Nigéria, Vietnam, Espanha, Líbano, Índia do Norte, Índia do Sul, Brasil, Argentina e da Colômbia. Agradeço profundamente as Visitadoras e gostaria de destacar que, entre essas Irmãs, onze vieram do Vietnã e quatro da Índia, sendo duas de cada Província.

Atualmente, temos cinco Irmãs no Centro Missionário, uma Irmã do Peru e quatro Irmãs do Vietnã, teremos a alegria de participar do seu envio em missão durante esta Assembleia... Estes envios em missão são um sinal de vitalidade dado por uma Companhia Internacional, e sei que eles continuarão a acontecer! Acrescento também a importância das outras formas de envio em missão: às vezes, as Irmãs deixam seus países, sem deixar as Províncias e, por exemplo, partem da Espanha para o Marrocos, para Guiné-Bissau para o Tchad ou Angola; as Irmãs que servem no Quênia, vêm da Irlanda, dos E.U.A, da Grã-Bretanha, da Etiópia e da Nigéria. As

Irmãs do Congo partem para a Tanzânia; as Polonesas são enviadas para a Ucrânia ou a Bielorrússia e sei que não estou sendo exaustiva.

Todos estes envios, estes desenraizamentos testemunham também a generosidade e a disponibilidade das Irmãs e de suas Visitadoras. Como nos repete com frequência o Papa Francisco: *“saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo...Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida”* (Evangelii Gaudium, nº 49).

2. UMA COMPANHIA AO SERVIÇO DO CRISTO NOS POBRES

- **Próxima dos pobres**

Para falar do serviço dos pobres, vou referir-me primeiro às visitas que tive a alegria de fazer às Províncias, nestes seis últimos anos, refiro-me sobretudo às visitas regulares das Conselheiras gerais que são sempre o objeto de um relatório detalhado, durante os Conselhos especiais, seguido de uma discussão. É claro que suas fichas de Conselho, suas cartas e os relatórios trimestrais que nos são enviados regularmente também são uma grande fonte de informação, que alimentam nossas orações e reforçam a comunhão entre nós. Esta ‘partilha familiar’ graças às visitas ou às correspondências é uma herança dos nossos Fundadores que devemos preservar.

São Vicente e Santa Luísa desejaram que fôssemos próximas dos pobres, que estivéssemos ao seu lado: *“...Em nome de Deus, queridas Irmãs...sede muito afáveis e bondosas com vossos pobres. Sabeis que são nossos mestres a quem devemos amar com ternura e respeitar profundamente. Não basta termos isso na memória, mas devemos demonstrá-lo por nossos serviços caridosos e afáveis”* (SL., C.322, pág, 365). Durante uma de nossas reflexões comunitárias no Conselho, nos perguntávamos: qual seria hoje a característica notória das Filhas da Caridade? Nossas respostas expressaram que a proximidade com os pobres, o fato de sentir-se bem com eles e eles conosco, a familiaridade e a simplicidade, a busca pelo mais abandonado, foi e continua sendo “nossa maneira de ser”, em fidelidade aos nossos Fundadores. Podemos observar isto quando o Conselho geral recebe os pedidos para a abertura de Comunidades. Vocês escolhem sempre os lugares onde a presença religiosa é ínfima, onde a pobreza dos habitantes é evidente, quer se trate de um bairro numa grande cidade, como La Cañada, perto de Madrid, ou num recôndito lugar em Burundi ou na Amazônia e, privilegiam meios simples. Dou graças por esta

fidelidade ao nosso espírito no qual encontramos uma ressonância na Carta Circular da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedade de Vida Apostólica: *Perscrutai*: “*Plantemos um estilo de obras e de presenças pequenas e humildes como o evangélico grão de mostarda (cf. Mt 13, 31-32), no qual brilhe sem fronteiras a intensidade do sinal: a palavra corajosa, a fraternidade alegre, a escuta da voz fraca, a memória da casa de Deus entre os homens*” (CIVCSVA, *Perscrutai*, nº 16).

- **Confrontada com as catástrofes naturais e situações de violência**

É o momento de evocar os dramas vividos nestes últimos seis anos. Desde o terremoto no Haiti em janeiro de 2010, o do Chile no mês seguinte, o Tsunami no Japão em março de 2011, até o Tufão Yolanda nas Filipinas, em novembro de 2013. A resposta a estas catástrofes naturais foi exemplar. Em alguns casos como no Haiti, recursos humanos e financeiros foram quase que imediatamente colocados à disposição da Província em sofrimento. O terremoto aconteceu no dia 12 de janeiro de 2010 e, a contar do dia 23 de janeiro, Irmãs vindas de dez Províncias da América Latina, do Caribe, da América do Norte e da Europa chegaram a Porto Príncipe para reforçar os serviços e substituir as Irmãs que precisavam de um tempo para retomar as forças após o caos dos primeiros dias.

No caso das Filipinas, a Província se mobilizou para ir ao socorro na região que foi severamente atingida pelo tornado com uma força excepcional; as Irmãs e seus colaboradores leigos foram até o local para levar alimentos, roupas e acompanhar espiritualmente os sobreviventes. No Chile e no Japão, as Irmãs participaram do socorro organizado pela Cáritas e outros membros da Família Vicentina, elas se colocaram a serviço das famílias atingidas pela tragédia.

Além dessas catástrofes naturais, estes últimos seis anos foram marcados por conflitos internos ou internacionais, por revoltas, enfim, por situações de violência. Algumas vezes, as Irmãs tiveram que deixar o local, porque não podiam agir, como foi o caso da Líbia; outras vezes, assistiram a revoluções internas como na Tunísia e no Egito.

O que dizer da Síria, Nigéria, Haiti e outros países como a Colômbia ou Venezuela ? O que dizer do Norte dos Camarões, esta região de onde as Irmãs não autóctones tiveram que sair e onde as Irmãs nativas do país, fazem corajosamente funcionar todos os serviços, entre outros, um hospital pediátrico? As situações são

diferentes, mas as condições de vida da população, reféns da violência, do terrorismo ou da guerra são terríveis e nossas Irmãs continuaram os cuidados de saúde, a pastoral e as tarefas de educação, na simplicidade e na alegria de realizar a missão confiada.

- **Ao serviço das vítimas do tráfico e dos imigrantes**

Com certeza todas se lembram de que no final da Assembleia de 2009, redigimos uma declaração para expressar nosso desejo de nos comprometermos ainda mais como Companhia na luta contra o tráfico de pessoas. Muitas vezes, no Conselho geral, retomamos este tema, estudamos tudo o que se realizava nas Províncias e ficávamos maravilhadas. As Irmãs informam e previnem tanto as crianças das escolas e colégios quanto os seus pais sobre o perigo potencial das ofertas de trabalho no exterior; e para realizar isto, toda a rede escolar é mobilizada. As Irmãs disponibilizam lugares de refúgio às pessoas que tentam escapar da escravidão a qual foram submetidas. Aliás, trata-se de fazer pressão sobre os governantes para que os responsáveis pelo tráfico sejam investigados de forma mais ativa e condenados mais severamente. Também pedimos a várias Irmãs para que participassem de reuniões de formação, organizadas por delegações continentais da União dos Superiores gerais. O balanço é positivo, mas muito magro, se compararmos com a imensidão da tarefa.

México, Guatemala, E.U.A, Espanha, Itália, Turquia, Grécia, Calais (França), Grã-Bretanha... os imigrantes desembarcam nestes países, nossos países, num estado de total esgotamento físico e psicológico e, após ter vivido terríveis experiências. A Companhia está presente em todos estes pontos sensíveis, para levar socorro, conselho, ajuda jurídica no quadro das diversas associações. Recentemente fomos solicitadas pela União Internacional dos Superiores Gerais - UISG para participar de um projeto intercongregacional na Sicília em benefício dos imigrantes que atravessam o Mediterrâneo, correndo perigo de vida e em condições sub-humanas. Em união com a Província de Nápoles, respondemos positivamente a este chamado. Este gesto, como tudo o que as Províncias realizam, quer quebrar uma das argolas da corrente da indiferença que envolve estes refugiados. Mas, rezemos, por que graças ao Papa Francisco, os países se mobilizam cada vez mais.

Permanece a grande pergunta sobre o porquê desta imigração? Por que tantos homens, mulheres, famílias, jovens e mesmo crianças fogem de seus países, arriscando suas vidas? Certamente, fogem na esperança de encontrar melhores condições de vida, a liberdade de viver sua fé, de se formar, etc. Nossas Irmãs que servem na ONU, tanto em Nova Iorque como em Genebra têm a ocasião de unir a

voz da Companhia a da Igreja e a das numerosas ONGs que querem ver este problema tratado, seja no âmbito da ajuda emergencial, como também nas causas profundas desse movimento da população. Eu não pude ir à sede da ONU em Nova York, mas tive a ocasião de participar de uma sessão em Genebra, onde foi evocado o respeito dos direitos humanos. Constatei com satisfação o quanto a presença da Companhia era importante e o quanto a experiência das Congregações religiosas eram valorizadas.

- **Servindo em colaboração**

Quando falamos de colaboração é bom citar em primeiro a Família Vicentina e, evidentemente a Congregação da Missão; de forma aleatória, posso dar alguns exemplos de colaboração entre a Companhia e a Congregação: a pastoral paroquial, a pastoral da juventude, as missões populares, as obras sociais, etc. Também colaboramos muito com outros demais ramos da Família Vicentina. Em alguns países como o Brasil e a Índia, trabalhamos mais com a Sociedade São Vicente de Paulo; em outros países trabalhamos mais com a AIC, como na Itália e no Japão. Observemos que as Filhas da Caridade fundam e acompanham com muita frequência grupos da Juventude Mariana Vicentina ou jovens da SSVP, grupos da AMM, e também se beneficiam do apoio de algumas Comunidades da MISEVI.

Mas, nós o sabemos, a colaboração vai muito além, deixem-me citar primeiro os organismos internacionais católicos nos quais participamos: Organização Internacional do Ensino Católico – OIEC (e desejo mencionar especialmente a Confederação Interamericana deste mesmo organismo com a qual colaboramos estreitamente), Núcleo Internacional Católico da Criança – BICE e a Associação Europa, África, Fé e Justiça - AEAFJ. Podemos em seguida falar dos grupos com os quais trabalhamos em vista do desenvolvimento integral da pessoa e com objetivo de erradicar as causas da pobreza: por exemplo a Rede de Empreendedores Solidários que analisa e responde as necessidades em leite e em medicamentos em Madagascar e no Haiti; os Eletricistas sem fronteiras, que já elaboraram projetos para Madagascar e Burundi.

Não posso esquecer a COVIDE (Cooperação Vicentina para o Desenvolvimento), a COVIDEC (Cooperação Vicentina para o Desenvolvimento - Catalunha), o IPS (Serviço de Projetos Internacionais), o Fundo de dotação Rosalie Rendu, e as Associações fundadas pelas Filhas da Caridade (e os Padres da Congregação da Missão para o COVIDE e COVIDEC) que tecem uma rede de doadores, ou melhor dizendo, de amigos, ao redor das Filhas da Caridade. Eles dão apoio ao serviço dos pobres, e reúnem os que estão diretamente envolvidos, isto é, as

Filhas da Caridade servas dos pobres e aqueles e aquelas que desejam e têm a possibilidade de ajudá-los. Tivemos belos exemplos com a Fundação King na Eritreia, nos Camarões e brevemente, em Moçambique.

Podemos citar também a rede DREAM na qual nos entreejudamos para dar assistência às pessoas portadoras do vírus HIV, segundo o protocolo regularizado pela Comunidade Santo Egídio. A grande rede da Caritas Internacional é também uma parceria privilegiada de muitas Províncias, sem esquecer as relações com as Caritas diocesanas e paroquiais. Chegou o momento de citar as Constituições 24e: *“As Filhas da Caridade preocupam-se constantemente com a promoção integral de todas as pessoas. Por isto colocam-se à escuta de seus irmãos e irmãs para ajudá-los a tomar consciência de sua própria dignidade e a tornarem-se agentes de sua própria promoção. Fazem-se porta-vozes dos apelos e das legítimas aspirações dos mais necessitados que não têm a possibilidade de se fazerem ouvir. Respeitando as situações particulares, assumindo a causa dos pobres, colaboram segundo as orientações da Igreja com aqueles que defendem seus direitos. Comprometem-se a trabalhar no plano social para mudar as estruturas injustas que geram a pobreza”*.

3. UMA COMPANHIA QUE PARTILHA, QUE SE PREOCUPA COM A FORMAÇÃO

- **Que partilha seus recursos humanos e financeiros**

Tenho certeza de que esses poucos dias já passados aqui na Casa Mãe são suficientes para avaliar a graça de ter uma Comunidade Internacional, composta por Irmãs de 26 nacionalidades. Agradeço às Visitadoras que me emprestaram suas Irmãs por 3, 4 ou 6 anos. Sou testemunha de que as seis Comunidades desta grande casa estão enriquecidas por suas culturas diferentes. Creio poder afirmar que, as Irmãs que passam aqui alguns anos retornam às Províncias de origem com uma visão mais concreta da universalidade da Companhia. Uma experiência que deve continuar e até mesmo desenvolver-se...

Irmã Pia, nossa Ecônoma geral, terá a ocasião, ainda hoje, de lhes falar sobre as finanças da Companhia, mas quero agradecer às Províncias que partilham generosamente seus excedentes com a Companhia, permitindo assim ao Conselho geral ajudar aquelas que estão precisando de ajuda e, elas são numerosas. Desta maneira, seguem os conselhos dos nossos Fundadores. Com a Irmã Pia, fui convidada no ano passado pela Congregação para os Institutos Religiosos e Sociedades de Vida

Apostólica - CIVCSA e tive a oportunidade de explicar como funcionava a entreatura na Companhia, coordenada em nível geral; tive a clara sensação que a partilha dos recursos financeiros não era tão natural e eficaz nas outras Congregações.

- **Que se preocupa com a formação**

A Assembleia de 2009 nos havia recomendado dedicarmo-nos mais à formação em âmbito internacional e tentamos responder fielmente a este desejo. Além das sessões vicentinas, habituais, cuja fórmula foi um pouco modificada, organizamos um Seminário em 2011, que reuniu 76 Irmãs vindas de 74 Províncias e todas comprometidas com a formação inicial.

Depois, nos anos que se seguiram, realizamos quatro sessões de revigoramento espiritual e vicentino, entre as quais, uma foi reservada às Irmãs entre 7 e 10 anos de vocação, assim como um retiro internacional para as Irmãs Serventes. Todas as Conselheiras gerais investiram pessoalmente na preparação de uma ou outra sessão e, nós guardamos uma excelente recordação do nível de participação das Irmãs; sua sede de espiritualidade vicentina era admirável e a simplicidade de suas partilhas eram refrescantes e cheias de esperança. Todas essas sessões reuniram aproximadamente 400 Irmãs vindas de todas as Províncias da Companhia.

Neste parágrafo sobre a preocupação com a formação, gostaria de lembrar também o surgimento de dois Guias: “da *Visitadora e o Conselho provincial*” e “o da *Irmã Servente na Companhia das Filhas da Caridade*”. A redação destes guias nos permitiu viver excelentes sessões de reflexão, de discussão e pensamos que são instrumentos práticos para facilitar o discernimento do Conselho Provincial antes da tomada de decisão e para orientar a formação que cada uma realiza em âmbito provincial.

4. UMA COMPANHIA COMPOSTA POR COMUNIDADES DE FÉ QUE PARTICIPAM PLENAMENTE DA MISSÃO DA IGREJA

- **Das Comunidades de fé**

Evoquemos as 16.179 Irmãs qui compõem a Companhia. Vocês sabiam que, nos dois extremos, temos 65 centenárias e 493 Irmãs com menos de trinta anos? Realmente somos uma família numerosa, com todas as faixas etárias, temos

sobretudo muitas santas Irmãs, que servem o Senhor e os pobres de todo o seu coração e com todas as suas forças, todas nós conhecemos uma. No entanto, sabemos também que, todas nós, estamos no caminho de conversão permanente.

Na verdade, quero refletir um pouco sobre a expressão *Comunidade de fé*. O Ano da Vida Consagrada nos convida a aprofundar esta realidade tão bela e às vezes tão frágil. Devemos ser Comunidades à imagem da Santíssima Trindade, Comunidades que dão ao mundo “*um testemunho de comunhão fraterna, que se torne fascinante e resplandecente*” (Evangeli Gaudium, nº 99), que vivam segundo as Bem-aventuranças, que tenham um só coração e que ele seja conservado e cujas portas sejam mantidas abertas. Escutemos Santa Luísa: “*o que (Deus) nos pede agora, queridas Irmãs é uma grande união e tolerância mútua e que trabalheis juntas na Obra de Deus, com grande mansidão e humildade; o que se passa entre vós, não transpareça fora, a fim de serdes edificação para todos*” (SL, C.410, pág. 451).

Nossas Constituições e Estatutos definem um quadro claro para nos ajudar a viver a comunidade fraterna para a missão, convidando à participação e à responsabilidade de cada Irmã. Minha experiência mostrou-me que uma Comunidade local que é fiel ao perdão mútuo e à partilha da Palavra de Deus, respira a alegria e o reino de paz. Conhecemos também a importância crucial de nomear, acompanhar, formar e apoiar as Irmãs Serventes humildes e sólidas.

Deixem-me citar mais uma vez nosso Papa Francisco: “*Numa sociedade marcada pelo conflito, a convivência difícil entre culturas diversas, a prepotência sobre os mais fracos, as desigualdades, somos chamados a oferecer um modelo concreto de comunidade que, mediante o reconhecimento da dignidade de cada pessoa e a partilha do dom que cada um é portador permita viver relações fraternas*” (Carta Apostólica a todos os consagrados por ocasião do Ano da Vida Consagrada, I, 2), “*todas..são chamadas a ser ‘peritas em comunhão*” (Ibid. II, 3).

• COMUNIDADES MARIAS

“*Em seu serviço, as Filhas da Caridade permanecem fiéis ao caráter marial da Companhia...*”. “*As Filhas da Caridade promovem a devoção marial. Elas a inculturam através de meios simples tais como a Medalha Milagrosa, verdadeiro resumo da história da salvação. Trabalham no desenvolvimento das Associações Mariais e para sua inserção na pastoral da Igreja*” (C.26 e Estatuto 14a, b). Dou

graças pela devoção marial tão viva na Companhia e por todos os esforços de formação, de escuta desenvolvidos em muitas de nossas Capelas para onde os peregrinos acorrem. Penso no que pude ver em Cali, no Rio de Janeiro, em Manila e em outros lugares, sem esquecer esta Capela de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa.

- **Comunidades que participam plenamente da missão da Igreja**

“A Companhia participa da missão universal de salvação da Igreja, conforme o carisma dos Fundadores” (C.1a). Em sua encíclica *Deus Caritas est*, o Papa Bento XVI citou São Vicente e Santa Luísa como modelos insignes da caridade social; da mesma maneira, como o Papa Francisco, podemos dizer que a Companhia coloca seu carisma a serviço da comunhão evangelizadora; a Companhia tem um lugar específico nesta missão da Igreja. As Filhas da Caridade, hoje como ontem, estão geralmente bem alicerçadas, presentes, visíveis, em suas dioceses e suas paróquias. Elas participam do serviço da caridade da Igreja, com a preocupação de encontrar *“novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual”* (Evangelii Gaudium, nº 11).

Participar plenamente da missão da Igreja significa também participar do quinto centenário de aniversário do nascimento de Santa Tereza de Ávila (sabemos o quanto São Vicente ficou impressionado com as Carmelitas espanholas e gostava de citar seu exemplo), significa igualmente nos alegrarmos com a beatificação, na semana que vem, de Dom Oscar Romero que foi assassinado por ter defendido os pobres e falado em seu nome. Em breve, entraremos no Ano da Misericórdia, uma grande ocasião para dar testemunho do amor infinito de Deus por todas as pessoas e, dar testemunho desta virtude que nossos contemporâneos às vezes confundem com fraqueza, pois nossas sociedades são impiedosas com aqueles e aquelas que são diferentes.

- **Comunidades cujos membros são chamados a dar o testemunho supremo do martírio**

Desde 2009, muitas beatificações das Filhas da Caridade foram celebradas. Em junho de 2011, Irmã Margarida Rutan, guilhotinada em 1794, foi elevada aos altares durante uma celebração bastante fervorosa com muitas cores, muito calor e muita música nas arenas de Dax. Em outubro de 2013 em Tarragona, tivemos a alegria de ver reconhecido pela Igreja o martírio de vinte e sete Filhas da Caridade e uma Filha

de Maria, todas assassinadas em 1936, durante a guerra civil da Espanha, por terem recusado renunciar a sua fé e sua vocação de Filhas da Caridade. Elas foram beatificadas junto com quinze Padres e Irmãos da Congregação da Missão, com outras religiosas e religiosos, na cidade onde São Frutuoso e seus companheiros foram martirizados no século III. A mensagem destes mártires é sempre atual, é uma luz para nossa vida; todas nós somos chamadas a estar prontas para dar semelhante testemunho, pensemos em nossas Irmãs na Síria, na Nigéria, na Eritreia, nos Camarões...Escutemos São Vicente: “*o sangue das nossas Irmãs será semente de outras e merecerão que Deus conceda a graça da santificação àquelas que permaneceram*” (SV, conf. de 4 de agosto de 1658, pág. 810). Pensemos igualmente no que devemos enfrentar pelo preço da fidelidade à nossa fé; penso na Índia onde as perseguições contra os cristãos são latentes e refiro-me também aos nossos países do ocidente onde se deve ter muita coragem, diria mesmo, valentia para enfrentar o desprezo da sociedade em geral, dos valores cristãos.

O Padre Shijo, Postulador da Congregação da Missão, recentemente veio participar de um dos nossos Conselhos, para nos dar uma informação sobre as Causas em andamento Teremos a alegria nestes próximos anos de celebrar outras beatificações ou canonizações!

Conclusão

No fim deste enunciado de testemunha da ação de Deus na Companhia, permitam-se ainda uma nota pessoal. De fato, desejo dar graças ao Senhor por todos estes anos vividos aqui na Casa Mãe, no serviço que a Companhia me confiou. Sou grata a todas pelo apoio e pela paciência que tiveram comigo, peço perdão a Deus e a cada uma, pela minha lentidão, ou o contrário, pelas minhas precipitações, minhas incoerências que puderam machucá-las e ferir a Companhia. Desejo também prestar uma homenagem às Conselheiras gerais e, de maneira especial à Assistente geral, à Ecônoma geral e à Secretária geral (Irmã Rosa Maria, Irmã Pia e Irmã Ana Maria). O meu muito obrigado às doze Irmãs com quem colaborei na fé, na alegria e na simplicidade. Permitam-me sair um pouco deste contexto dos anos de 2009-2015, pois também gostaria de prestar homenagem às antigas Irmãs do Conselho geral e evidentemente à Mère Elizondo de quem muito aprendi, durante o tempo que estive como Ecônoma geral. Não esqueço as outras Irmãs do Secretariado, do Economato geral, do Centro Internacional de Tradução, do Centro Internacional Missionário e todas as Irmãs da Casa Mãe com as quais partilhei quotidianamente a oração, o Pão da Palavra, o Pão Eucarístico e o pão da refeição fraterna. Permaneceremos em comunhão de oração.

Quanta graça temos em celebrar esta IX Assembleia geral ao mesmo tempo que nossos duzentos anos de presença aqui na rua do Bac, nesta quinta Casa Mãe! Nós nos reunimos na Capela, domingo passado, para agradecer a Deus por sua fidelidade, agradecer a Maria por sua proteção. Pareceu-me que estávamos unidas também no desejo de sermos dignas da herança recebida e responsável na transmissão do amor apaixonado de São Vicente e Santa Luísa pelo Cristo reconhecido e servido nos pobres.

Gostaria rapidamente de voltar ao tema que trataremos nestas próximas semanas: *“A audácia da Caridade para um novo elã missionário”*. A Síntese foi abrilhantada com frases importantes que expressam o desejo das Irmãs de avanços missionários concretos em fidelidade à nossa vocação, ao nosso enraizamento em Jesus Cristo, reconhecido e servido nos pobres: *“A partir da escuta da Palavra, sentimo-nos enviadas para caminhar ao lado daqueles que estão à margem da sociedade com a convicção de que é lá onde Jesus nos espera para construir o seu Reino”*; *“um olhar aberto e profético nos faz compreender a necessidade de revisar as obras e de dar-lhes um novo rosto missionário”*; *“... estar em estado de conversão permanente para o anúncio do Reino e ser disponível aos apelos da Companhia, da Igreja, dos pobres”*; *“adotar um estilo de vida fraterno, simples, modesto, solidário e alegre, vivendo a proximidade com os pobres”*.

Certamente que todas perceberam que as Irmãs entre 7 e 10 anos de vocação também nos transmitiram sólidas mensagens: *“permanecer atentas a toda pobreza, dar respostas audaciosas lá onde as Filhas da Caridade estão presentes e ousar ir além”*. *“Comprometer-nos de maneira dinâmica na pastoral das vocações e para isto, desenvolver uma ‘cultura do chamado’”*, etc..

As múltiplas conferências e apelos insistentes do Papa Francisco, os documentos da Congregação para os Institutos da Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica por ocasião do ano da Vida Consagrada, testemunham que o tema da nossa Assembleia e as reflexões das Irmãs estão na mesma linha de pensamento da Igreja e de sua missão atual:

“Cada vez que os nossos olhos se abrem para reconhecer o outro, ilumina-se mais a nossa fé para reconhecer a Deus. Em consequência disto, se queremos crescer na vida espiritual, não podemos renunciar a ser missionários” (Evangelii Gaudium, nº 272).

“A vida consagrada, alimentada pela esperança da promessa é chamada a prosseguir a caminhada sem deixar-se condicionar por aquilo que se deixa para trás: ‘eu não julgo ter já alcançado a meta, mas esquecendo o que fica para trás, avanço para o que está na frente’ (Fl 3, 13-14). A esperança não está edificada sobre as nossas forças e sobre os nossos números, mas sobre os dons do Espírito: a fé, a comunhão, a missão” (CIVCSVA, Perscrutai, nº 11).

Confiemos à Virgem Maria, única Mãe da Companhia, as próximas semanas e deixemos as últimas palavras a São Vicente e Santa Luísa:

“ ...Meu Deus, peço-vos pelos méritos do vosso Filho Jesus Cristo que continueis e acabeis a obra que começastes. Continuai a vossa santa proteção sobre a pequena Companhia e todas as bênçãos com que vos aprouve cumulá-la até o presente. Concedei, se for do vosso agrado, a estas Irmãs a graça da perseverança final...” (SV, conf de 8 de agosto de 1655, pág.532).

“ ... deveis ser fortes. Com efeito, desde que tendes o nome de Filhas da Caridade e sabeis que a verdadeira caridade tudo ama e tudo suporta - até as contradições e repugnâncias mais difíceis - espero que todas vós a praticareis desse modo” (SL, C.249, pág. 288).

Irmã Evelyne FRANC,
Filha da Caridade

ELEIÇÕES

Eleição da Superiora geral

Segunda-feira de Pentecostes, 25 de maio de 2015

Os membros da Assembleia pediram ardentemente a vinda do Espírito Santo, recolhendo-se com Maria no Cenáculo, durante o retiro preparatório para este grande acontecimento para toda a Companhia.

Na segunda-feira de Pentecostes, 25 de maio, o dia começa com uma concelebração eucarística presidida pelo Padre Gregory Gay. Em sua homilia, ao comentar o Evangelho do dia, o Superior geral recorda qual é a missão da Superiora geral em relação à Companhia, à Igreja e ao mundo de hoje.

A Assembleia procede em seguida a eleição
da Superiora geral:

Irmã Kathleen APPLER

é eleita para um mandato de seis anos.

(foto)

Contando com a graça de Deus, a ajuda dos Padres Gregory Gay, Bernard Schoepfer e a colaboração de todas as Irmãs, Irmã Kathleen coloca-se à disposição da Companhia.

O sino da Casa Mãe anuncia a notícia e todas as Irmãs se reúnem no jardim, junto à sala de conferências, para expressar à nossa Superiora sua afeição, sua gratidão e assegurá-la o seu apoio e orações. A notícia se espalha rapidamente por telefone, fax, e-mail a todas as Províncias do mundo.

ELEIÇÃO

Eleição da Superiora geral

Homilia do Padre Gregory Gay

Segunda-feira de Pentecostes, 25 de maio de 2015.

“Eles ficaram muito espantados ao ouvirem isso e perguntavam uns aos outros: ‘Então, quem pode ser salvo?’” (Mc 10,26).

Início com estas palavras do Evangelho de hoje porque elas expressam sentimentos que todos nós já experimentamos uma vez ou outra. Às vezes, o desafio de viver os valores do Evangelho, nossos votos e o carisma Vicentino que professamos pode parecer esmagador e surpreendente. Em nossa vida não se trata

apenas de fazer votos, ler as Constituições e aderir a normas e estatutos provinciais. Esta é a parte simples. Como a primeira leitura afirma, a vocação como seguidoras de São Vicente e de Santa Luísa as convoca a “permanecer constantes no estado em que ele as colocou e na oração ao Deus altíssimo” (Eclo 17, 24).

Entretanto, “permanecer constante” não é algo fácil, como nós sabemos muito bem. Hoje, há muitas vozes competindo e gritando para nos dominar. Talvez seja por isso que a primeira leitura tem como tema a penitência e o retorno para Deus. Nós podemos identificá-la com o lamento de São Paulo em Romanos: “*Não faço o bem que quereria, mas o mal que não quero*” (Rm 7, 19). Mesmo que a palavra “mal” pareça muito forte, São Paulo destaca uma verdade humana: todos nós falhamos no que é esperado de nós. Apesar de nossos ideais e resoluções, podemos errar o alvo na vivência do Evangelho e dos valores Vicentinos.

Santa Luísa disse às primeiras Irmãs: “*Para que o serviço que lhe prestamos lhe seja agradável, é necessário partir de um coração bom, isto é, que saiba exercitar-se na mortificação de seu próprio julgamento, de sua vontade própria e da satisfação de seus sentidos e paixões*” (SL C.565). Eu repito sua frase “coração bom” porque é uma descrição apropriada de Santa Luísa. A imagem do coração é emblemática para nossa herança vicentina. A Capela contém o coração de São Vicente para nos lembrar do seu amor a Deus e aos pobres. No selo das Filhas da Caridade está representado um coração que nos une a Jesus e a Maria, os animadores de nossa missão e vida comunitária. O coração dá vida ao corpo e é o lugar onde a Escritura nos diz que o Espírito de Deus habita em nós.

“Heartfulness” (plenitude do coração) é um termo contemporâneo usado no discurso sobre espiritualidade para indicar um anseio pela transcendência. No Evangelho de hoje, o jovem que se aproxima de Jesus parece ter um coração voltado para Deus e ele faz a pergunta certa. Contudo, diante do preço do discipulado, ele não consegue fazer, livre e plenamente, uma verdadeira escolha do coração. Ele vê a sua vida em termos do que possui. Este Evangelho é uma lição de desapego para alcançar o apego a Deus.

Nossos Santos Fundadores também lutaram com esta questão. No começo de sua vida, Vicente buscava conquistar o estado clerical e conforto. No final de sua vida, Luísa se preocupava com a direção que seu filho adulto dava à sua vida. Ambos aprenderam a confiar as preocupações dos seus corações à amorosa misericórdia de Deus.

Jesus nos diz que “*onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração*” (Lc 12, 34). Sabemos que nosso verdadeiro tesouro está em Jesus Cristo. Quando Vicente e Luísa permitiram que a pessoa de Cristo se tornasse o centro de suas vidas, eles tiveram força, apoio e energia para realizar grandes obras que nunca poderiam ter feito por si mesmos. São Vicente disse: “*Não podemos assegurar melhor nossa felicidade do que vivendo e morrendo a serviço dos pobres, nos braços da Providência e numa total renúncia a nós mesmos, para seguir Jesus Cristo*” (SV III, 392).

A resposta à pergunta do jovem é dada para os discípulos, para Vicente e Luísa e para todos nós reunidos aqui hoje, de maneira bela e simples na última linha do Evangelho de hoje: “*Para Deus tudo é possível*” (Mc 10, 27). Deus nos dá a força e a coragem para sermos discípulos de Jesus e vivermos nosso carisma vicentino. É Deus que abre nossos corações a sua Palavra, presente na Eucaristia, e que fala conosco nas profundezas do nosso coração e nesta Assembleia. O Deus Trino habita dentro de nós, primeiro através do batismo e, depois, dos sacramentos e atos de fé, esperança e caridade que praticamos ao longo de nossa vida de fidelidade ao Pai e amoroso serviço aos pobres.

Num documento enviado para discussão e reflexão antes desta Assembleia Geral, foi-lhes pedido que se preparassem para “receber a audácia da Caridade do Cristo”. Por detrás dos nossos planos, documentos, regras e normas é a pessoa de Jesus que devemos primeiro procurar se queremos encontrar nossa verdadeira bússola como indivíduos e comunidade.

Esta audácia da Caridade é o coração do desafiador Evangelho de hoje. Jesus diz ao jovem: “*Só uma coisa te falta: vai, vende tudo o que tens e dá aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me!*” (Mc 10, 21). Este foi o mais audacioso dos desafios, um desafio que este ansioso jovem não esperava. É também um desafio que nós, como pessoas comprometidas, devemos enfrentar continuamente.

Entretanto, existe algo nesta história envolvente que não podemos deixar passar despercebido: uma reação chave de Jesus. Enquanto apresentava um desafio que parecia impossível para o jovem, Marcos diz: “*Jesus olhou para ele com amor*” (Mc 10, 21). Imaginem isso! Que audácia e caridade! Apesar do seu “não”, Jesus continua amando-o incondicionalmente e lhe daria uma outra oportunidade se ele pedisse!

Ao nos reunirmos para esta Eucaristia de hoje, não nos sentimos oprimidos diante das tarefas que o Senhor coloca diante de nós. Abraçar “*a audácia da Caridade para um novo elã missionário*” exige que abramos nosso coração ao Espírito Santo diante de todas as responsabilidades que nos são confiadas. Hoje, vocês irão eleger a nova Superiora Geral. Enquanto realizam esta importante tarefa, demos graças a Deus pelo testemunho de fé e dedicação à missão que Irmã Evelyne deu nos últimos doze anos. Que Deus a abençoe, Irmã Evelyne, por seu exemplo e generoso serviço à Companhia!

As Constituições descrevem o serviço da autoridade na Companhia assim: “*A Superiora Geral, sucessora de Santa Luísa de Marillac, imbuída dos ensinamentos dos Fundadores, exerce sua autoridade de maneira ‘a expressar a todas as Irmãs o amor que o Senhor tem por elas’*” (C. 66, cf. *Perfectae Caritatis*, 14).

Portanto, através da intercessão de Maria, Mãe da Igreja e Mãe da Companhia, e das orações de nossos Santos Fundadores, São Vicente e Santa Luísa, rezemos ao Deus Trino para que o Espírito Santo guie esta Assembleia na escolha de outra sucessora de Santa Luísa, uma Irmã que, como o Senhor Jesus, estará “*em vosso meio como aquela que serve*” (Lc 22, 27).

Padre Gregory GAY,
Superior geral

ELEIÇÕES

Eleição das Conselheiras gerais e da Assistente geral

Paris, 1º e 5 de junho de 2015.

Na segunda-feira, 1º de junho de 2015, a Assembleia geral elegeu as Conselheiras gerais.

Irmã Raimunda Corina de Sousa BASTOS	nacionalidade brasileira
Irmã Hanna CYBULA	nacionalidade polonesa
Irmã Neghesti MICHAEL - reeleita	nacionalidade eritreia
Irmã Maria Teresa MUEDA	nacionalidade filipina
Irmã Carmen PEREZ GONZALEZ	nacionalidade espanhola
Irmã Françoise PETIT – reeleita	nacionalidade francesa

Irmã Mary RAW
Irmã Iliana SUAREZ PEREZ - reeleita

nacionalidade inglesa
nacionalidade cubana

No dia 5 de junho de 2015,
a Assembleia geral elegeu

(foto)

Irmã Françoise PETIT

Assistente geral da Companhia.

EM COMUNHÃO COM A IGREJA

À Irmã Kathleen APPLER,
Superiora geral
da Companhia das Filhas da Caridade
de São Vicente de Paulo



Vaticano, 25 de maio de 2015.

Na manhã seguinte à Festa de Pentecostes, fostes eleita Superiora Geral da Companhia das Filhas da Caridade. Tenho a alegria de vos apresentar , ao vosso novo Conselho Geral e a todas as Filhas da Caridade meus votos cordiais, assim como assegurar-vos minha oração pela fecundidade do vosso serviço aos mais pobres.

Neste Ano da Vida Consagrada que convoquei para manifestar seu valor na Igreja e fazer resplandecer sua beleza e santidade, convido a todas as Filhas da Caridade a colocar em prática, de uma maneira sempre mais efetiva os aspectos constitutivos de sua vida consagrada à luz do carisma dos Fundadores. Com este objetivo, especialmente neste tempo de Assembleia geral, cabe a cada uma dar graças por sua vocação e viver com paixão o presente, na memória agradecida do passado e

numa escuta atenta daquilo que o Espírito vos diz hoje (cf. Carta Apostólica a todos os consagrados,1,2).

Ao escolher o tema: “*A audácia da Caridade para um novo elã missionário*”, vós vos propusestes aprofundar vossa relação pessoal com Deus e com o vosso serviço dos pobres. Assim, vosso compromisso será cada dia mais feliz e mais fecundo, discernindo caminhos novos a fim de responder aos desafios que se apresentam a vós para anunciar aos pobres a alegria do Evangelho com a audácia de Cristo. De fato, “*a nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica da vida dos pobres e colocá-los no centro do caminho da Igreja*” (Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, n. 198). Deixando-nos instruir incessantemente por eles, que são nossos irmãos e irmãs, poderemos acolher a misteriosa sabedoria de Deus que se manifesta naqueles que são fracos e desprezíveis (cf. I Co 1,27).

Ao sair em direção aos outros para ir às periferias humanas, por toda parte onde sois enviadas, convido-vos a “despertar o mundo”, pois “*existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos!*” (Evangelium Gaudium, nº 48). O jubileu da Misericórdia responde a este desejo de Deus, de manifestar incessantemente sua proximidade e sua ternura, Ele que nunca se cansa de nos amar e de nos perdoar, se nós lhe pedirmos.

Que o intercâmbio confiante entre as gerações e a comunhão fraterna conceda a cada uma, consolo e perseverança nas dificuldades, audácia e paciência para superar os obstáculos, louvor e gratidão pelas maravilhosas graças realizadas no segredo dos corações!

Ao mesmo tempo, agradeço profundamente a Irmã Evelyne Franc por seu serviço e, dou graças a Deus por todo o bem que a Companhia realiza a serviço da missão da Igreja entre os mais pobres. Eu vos confio à intercessão materna da Virgem Maria e à proteção de São Vicente de Paulo e de Santa Luísa de Marillac. De todo o coração, dirijo-vos uma fraterna Bênção Apostólica, bem como a todas as Filhas da Caridade, especialmente àquelas que estão presentes nas regiões de conflito ou de grande pobreza. Peço-vos que rezem por mim.

Papa Francisco.

EM COMUNHÃO COM A IGREJA

Visita de Dom Luigi Ventura
Núncio Apostólico na França

Homilia de Dom Luigi Ventura
Casa Mãe, 27 de maio de 2015

No dia 27 de maio de 2015, a Eucaristia foi celebrada por Dom Luigi Ventura, Núncio Apostólico na França. Apresentamos aqui sua homilia.

Laudetur Jesus Christus! Louvado seja Jesus Cristo!

Minha Irmã, Superiora geral da Companhia das Filhas da Caridade, minhas queridas Irmãs Visitadoras e delegadas, estou feliz por ter podido responder ao seu convite para celebrar a Eucaristia com todas, por ocasião de sua Assembleia geral, nesta Casa Mãe da Companhia que lhe é tão querida.

Que belo rosto da Igreja universal representam, vocês que vieram de 94 países onde a Companhia é atuante, e escolheram um tema ambicioso para preparar e viver sua Assembleia geral: *“A audácia da caridade para um novo elã missionário”*.

De fato, desejam buscar juntas como melhor responder aos apelos daqueles que sofrem com o escândalo da pobreza e das escravidões modernas: refugiados, marginalizados, vítimas do tráfico de seres humanos, homens, mulheres e crianças abandonados. Evidentemente que isto, em fidelidade à Igreja e ao seu carisma específico. Deus sabe o quanto a atualidade coloca incessantemente diante dos nossos olhos as consequências dramáticas destes escândalos!

Evidentemente que este encontro internacional é uma ocasião para redescobrir e aprofundar a nova mensagem e o carisma próprio dos seus Fundadores, São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac que souberam em seu tempo, ter uma tão viva consciência das necessidades do momento e encontrar respostas adequadas.

Aliás, este encontro assume todo um sentido dentro do contexto do Ano da Vida Consagrada desejado pelo Papa Francisco. A vida consagrada é uma vida de aliança no dom de si, e nossa sociedade precisa mais do que nunca de pessoas que se consagram aos outros pelo amor de Deus; sabemos disto, mas é sempre bom repetir.

A página do Evangelho que acabamos de ouvir destaca particularmente esta necessidade do dom de si, atualizando os desejos secretos que brotam do coração de Tiago e do João. Não nos precipitemos em condená-los, pois estes desejos humanos são muitas vezes os nossos; não cedamos também imediatamente ao sentimento de culpabilidade, pois estes são realidades complexas que se partilham em nosso coração.

Meditemos o que diz sobre este texto um comentarista contemporâneo: *“Será que Jesus questiona nossas necessidades profissionais, nossas ambições científicas, culturais e até mesmo pastorais? A humildade e o espírito de serviço existem, mas não para nos inibir. Ao contrário, trata-se de colocar as coisas em seu devido lugar. Ser servo do Reino significa saber que tudo vem do Pai e que é o Filho que nos permite receber o que o Pai nos dá. Assim somente uma vida de fé profunda nos faz servos humildes”*.

Encontramos aqui uma das primeiras grandes intuições de São Vicente: *“Deve-se buscar primeiramente a Deus. Deve-se olhar primeiro para Deus. Buscai o Reino de Deus, tudo o mais nos será dado por acréscimo. Se cuidamos das coisas de Deus, Ele cuidará das nossas”*.

Para a futura primeira Filha da Caridade, Luísa de Marillac, ele dava estes conselhos: *“Procurai viver contente em meio aos vossos motivos de descontentamento e honrai sempre o não fazer e a vida oculta do Filho de Deus (SV I, pág. 71), entregai-vos a Divina Providência, e acautelai-vos para não antecipá-la”*.

Em 1633, no momento do nascimento da Companhia, dizia ainda: *“Vós tereis por mosteiros as casas dos doentes e aquela onde reside a superiora; por cela, um quarto de aluguel; por capela, a Igreja paroquial; por claustro, as ruas da cidade; por clausura, a obediência; por grades, o temor de Deus; por véu, a santa modéstia, ...por profissão a confiança contínua na Divina Providência” (SV, conf. de 24 de agosto de 1659, pág. 877).*

Sabemos também que o próprio São Vicente não hesitava em arriscar-se. Seja através da fundação da obra das Crianças Abandonadas, ou correndo ao socorro dos grandes sofrimentos causados pelas guerras, a peste ou a fome em muitas províncias da França, naqueles tempos politicamente conturbados, ele demonstrou seus talentos de organizador.

Mas este “ativo” era também um grande espiritual, e aqui também, ele nos ensina algo: *“Precisamos primeiro trabalhar para o reinado soberano de Deus em nós e, depois nos outros”* (SV II,125). *“É necessária a vida interior, é necessária tender para ela; se falharmos nisso, falha-se em tudo”* (SV XII, 130). Compreendemos a influência que ele teve sobre a formação dos padres do seu tempo”.

Um dos grandes biógrafos de São Vicente, o Padre Andre Dodin, escreveu: *“O Cristo que o Padre Vicente contempla e adora não é um decalque de uma verdade eterna, é um ser histórico, é o enviado do Pai para salvar os homens. É o amor do Pai que o compromete nesta tarefa, que inclui o rebaixamento na Encarnação, no sofrimento e na morte. O Cristo missionário coloca tudo em movimento e é neste movimento que devemos nos mover. Cada homem deve se associar a esta misteriosa aventura do Verbo Encarnado. Rapidamente, mas de maneira firme, Vicente nos dá uma imagem interior de Jesus. Ao lado do Pai, o Filho de Deus é pura estima, honra e amor. Esta disposição o convida a doar-se e ela o opõe por natureza ao mundo malvado que é, segundo São João, a concupiscência dos olhos, da carne, orgulho da vida”*.

Não é preciso dizer que, segundo o Padre Vicente, temos fundamentos de uma verdadeira imitação de Jesus Cristo. É nisto que vocês devem se apoiar para aprofundar o tema da Assembleia geral.

A audácia da caridade! Vocês estão unidas a este belo termo evangélico, que hoje, às vezes é descrito de maneira condescendente. Porém, a quantas páginas da Bíblia esta expressão nos remete, a começar pelo famoso “hino à caridade” da primeira carta aos Coríntios, para não citar outros.

Sim, a caridade precisa muito de fé e de audácia, pois consiste em seguir os passos do próprio Jesus e, conseqüentemente, segui-Lo em todos os caminhos, ainda que alguns deles possam ser difíceis ou íngremes. **O ápice da caridade de Cristo não seria, então, o dom de sua vida?**

Encontramos aqui, como é possível constatar, o evangelho deste dia: *“O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida como resgate para muitos”*. Mas, que exigência! Este texto nos dá a chave da atitude de Jesus para com os pobres e os pequenos, aqueles que não têm nenhum valor aos olhos do mundo.

Como Jesus, a Igreja animada pelo Espírito de Deus deve primeiro dirigir-se aos pobres, que através de sua presença, exigem que nos adaptemos a eles. Ao assumir a mesma atitude do Cristo em relações aos pobres, estabelece-se em si as disposições que inauguram toda evangelização: o amor atencioso tem o rosto da pobreza e da humildade. Não ouvimos como uma ressonância o clamor do Santo Padre : *“Como eu gostaria de uma Igreja pobre para os pobres”!*.

Queridas amigas religiosas, pratiquem um amor apaixonado por Cristo. Perguntem-se sempre: *“Jesus, é realmente meu primeiro e único amor?”* Mas, tenham também um amor apaixonado pelas pessoas: *“Tenho o mesmo amor por todos aqueles e aquelas que encontro diariamente?”*

Como nos convida o Papa Francisco: *“Vivei a mística do encontro, não cedais à tentação dos números e da eficiência, e menos ainda à tentação de confiar nas próprias forças”*.

Estamos a caminho, e cada um de nós deve tornar-se um pouco mais cristão a cada dia: neste mundo jamais conseguiremos! Tornemo-nos discípulos-missionários enviados dois a dois, cristãos alegres, familiarizados com a Palavra de Deus, pessoas que rezam. Se vivemos neste espírito, cresceremos na fé, seremos sinais de unidade do gênero humano e da união dos homens com Deus pelo Cristo no Espírito.

Deixemo-nos conduzir pelo Espírito Santo que nunca repete a história, mas a renova dia após dia. Não deixemos nossos corações se ressecarem, mas imploremos como diz o livro do Eclesiástico: *“Escutai, Senhor, a oração dos vossos servos, pela benevolência que tendes para com vosso povo, conduzi-nos no caminho da justiça, e que o mundo inteiro reconheça que vós sois o Senhor, o Deus de todos os tempos”*.

Pensem também na Virgem da Anunciação: sei que ela é muito querida ao seu coração de consagradas: foi o bem-aventurado Papa Paulo VI que expressou esta convicção: *“sem este sinal concreto (da vida consagrada), a caridade que anima a Igreja inteira correria o risco de arrefecer”* (Evangelica Testificatio,3). Logo, a Igreja precisa do calor humano para realizar sua missão de proximidade com todos os homens.

Vamos deixar a conclusão para o Padre Vicente que escreveu: *“a Mãe de Deus sendo invocada e adotada como padroeira das coisas importantes, tudo só pode dar certo e redundar em glória do bom Jesus, seu Filho”* (Documentos, nº 1, pág. 1).

Dom Luigi VENTURA

EM COMUNHÃO COM A IGREJA

Visita do Cardeal André Vingt-Trois
Arcebispo de Paris

Homilia do Cardeal André Vingt-Trois
Casa Mãe, 6 de junho de 2015

No dia 6 de junho de 2015, a Eucaristia foi celebrada pelo Cardeal André Vingt-Trois, Arcebispo de Paris.

Em sua palavra de acolhimento, o Cardeal expressa sua alegria de encontrar os membros da Assembleia. Ele relembra todas as Irmãs que em Paris deram um maravilhoso testemunho de proximidade com os pobres, citando particularmente Santa Catarina Labouré e a Bem-aventurada Rosalie Rendu. Ele invoca também todas que estão a serviço dos mais pobres em sua Diocese de Paris e convida a dar graças ao Senhor por tudo o que Ele fez através da Companhia e tudo o que continua fazendo através da vida de cada uma, nos diferentes países.

Apresentamos aqui sua homilia (Tb 12,1.5 - 15.20; Tb 13, 4,2,7,8; Mc 12,38-44)

No ciclo das leituras litúrgicas, terminamos hoje a aventura do Livro de Tobias e a conclusão nos é dada convidando-nos a bendizer o Senhor por tudo o que Ele realizou. Se a Escritura nos trouxe a história particular de Tobias e de sua família, não foi porque era alguém extraordinário, mas, para nos mostrar, através dos diferentes episódios que ouvimos ao longo destes dias, como Deus intervém na vida dos homens, como os acontecimentos que surgem e que podem ser incompreensíveis no começo - pois não vemos a razão pela qual o excremento de um pássaro caiu nos olhos de Tobias, tornando-o cego - são na verdade ocasião para aqueles que creem em Deus, de provar sua fé, de ver como reagem diante destes acontecimentos e, portanto, uma ocasião para Deus intervir a favor da sua salvação. Então, através destes acontecimentos - o acidente com Tobias, após ter cuidado daquele que foi abandonado sem sepultura - depois do casamento do seu filho, vemos pouco a pouco uma espécie de história onde se encontram mescladas com aparência de

acontecimentos e a realidade da intervenção de Deus que não vemos e que somente compreendemos pela fé, mesmo se Deus se faz presente através do seu anjo Rafael. A moral desta aventura familiar e desta história é que o sábio faz conhecer a ação de Deus em favor dos homens, e não sua ação diante de Deus. A revelação judaico-cristã recolhe para nós episódios deste gênero para nos ajudar a compreender como somos convidados a reconhecer a ação de Deus, a realização de sua Vontade através dos acontecimentos nos quais podemos desempenhar uma certa função, que não são feitos para a promoção da nossa própria história, mas para a promoção da história de Deus. Ainda há pouco, cantamos com o Salmo: *“Bendize ô minha alma ao Senhor, Bendito seja Deus para sempre”*: é o olhar de fé nos acontecimentos e na história dos homens.

Neste momento que estão vivendo, durante a Assembleia, através das suas reflexões, partilhas e discussões, o dedo de Deus também traçou seu caminho. O término desta Assembleia é igualmente uma ocasião para vocês reconhecerem esta intervenção de Deus através da história da Companhia e descobrir como Ele conduz a história, não somente a sua como também a da humanidade e, como a conduz passo a passo, com a paciência de um Pai. Portanto, um tempo de vida fraterna, de partilha, de releitura e de discernimento sobre a vida de toda a Companhia, ou seja, de cada uma de suas comunidades, onde também Deus realiza sua obra através dos acontecimentos que estão acima da nossa compreensão e que podem ser de felicidade, porém, às vezes também, de sofrimento.

Se São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac trabalharam com força e vigor para construir pouco a pouco a Companhia pelo anúncio do Evangelho e para o serviço dos pobres, foi exatamente porque tanto um com outro foi tocado no âmago de sua experiência humana pelos dramas, sofrimentos e perigos a que os pobres, que os rodeavam, estavam expostos - guerras, prisões, galeras, crianças abandonadas; em suma, ainda que preservados por seu próprio meio ambiente, eles foram tocados pelo que acontecia com seus irmãos. Foi com um olhar de amor e de compaixão que eles identificaram e compreenderam a mensagem do Cristo a respeito dos pobres: *“tudo o que fizerdes a um destes pequeninos, foi a mim que o fizestes”*.

Ao partilharem as experiências de suas comunidades através do mundo, recolhem de uma certa maneira a experiência de serviço do Cristo em todos os pobres, aos quais foram enviadas e junto aos quais vivem. A viúva que no Templo ofereceu tudo o que tinha para viver é uma figura proposta pelo Cristo para fazer a diferença entre os doutores da lei e os fariseus. Vimos no Evangelho de São Marcos que esta passagem de Jesus no Templo, onde veio ensinar, conclui o relato de

controvérsias sobre o conteúdo da pregação e a identidade de Jesus. Esta conclusão se produz com a advertência sobre as duas atitudes: a do Fariseu que se glorifica do que oferece, em outras palavras, que pede aos homens para abençoar suas ações, ao invés de abençoar a ação de Deus e a da viúva que não tem muita coisa para dar, mas que dá tudo o que tem. Não precisamos ir muito longe para nos lembrar como São Vicente de Paulo via nos membros da Companhia das Filhas da Caridade, não uma assembleia de mulheres capazes de mudarem o mundo, mas uma assembleia de mulheres capazes de se colocarem a serviço dos pobres porque elas próprias entraram no caminho da pobreza, doando tudo que tinham.

Este ideal da vida doada para o serviço aos irmãos é realizado por suas Irmãs, em cada uma de suas Comunidades e países, é fruto da graça de Deus pelo qual devemos agradecer ao Senhor, que não escolheu necessariamente as mais fortes, as mais ricas, as mais capacitadas, mas escolheu aquelas que poderiam dar tudo, não simplesmente do seu supérfluo, mas daquilo que lhes era necessário para viver.

Assim, ao chegar ao término desta Assembleia geral, vocês podem dar graças a Deus pelo que lhes permitiu reter, recolher os frutos do seu amor através de suas Irmãs, pelo enriquecimento mútuo através da partilha do que Deus lhes deu e dar graças pela bênção que Ele concede à sua Comunidade permitindo-lhes colocar-se a serviço dos pobres em todas as situações de miséria humana. Amém.

Cardeal André VINGT-TROIS
Arcebispo de Paris

CONFERENCISTAS

IRMÃO ALOÏS DE TAIZÉ

A Comunidade de fé, lugar da audácia da caridade e força evangelizadora

Casa Mãe, 19 de maio de 2015

Notas tomadas durante a conferência

Queridas Irmãs, tive várias oportunidades de vir rezar aqui em sua Capela para agradecer a Deus por sua fundadora e por sua vocação. Gosto de ver a diversidade das pessoas que vêm aqui, pessoas de todos os continentes. Hoje, para mim é uma

grande alegria estar aqui com todas. Nossas relações são antigas, uma longa busca de colaboração foi desenvolvida entre a Irmã Juana Elizondo e o Irmão Roger, depois, de minha parte, com a Irmã Evelyne Franc. Tenho consciência de que este diálogo é um pouco desproporcional: a Companhia tem quase 400 anos e nós iremos celebrar em breve nosso aniversário de 75 anos. A Companhia conta com 16.000 Irmãs e nós somos um pouco mais que cem.

Nossa colaboração concretiza-se pelo serviço de algumas Filhas da Caridade em Taizé, junto aos jovens. A Companhia hesitou em responder aos nossos apelos. Eu compreendo, pois, sua prioridade é o serviço dos pobres, mas fiquei muito impressionado, quando uma Filha da Caridade expressou essas palavras que talvez tenham sido decisivas: “Hoje, os jovens que buscam a Deus, são também pobres”.

Recentemente, no dia da festa da Anunciação, pude participar da Missa na Igreja românica do vilarejo de Taizé, durante a qual onze Filhas da Caridade renovaram os seus votos. Foi um momento de festa compartilhada!

Pediram-me para falar sobre a Comunidade de fé, como um lugar de audácia da caridade e como força evangelizadora. Este tema para mim não é difícil de ser abordado, pois mesmo se as palavras que utilizamos não são as mesmas, o significado de nossa vida, nós a buscamos neste mesmo sentido. Então, simplesmente, gostaria de falar-lhes a partir do que vivemos em Taizé.

Nesta primeira parte comentarei uma expressão fundamental para nós; trata-se da “parábola de comunhão”. Depois, na segunda e terceira parte, eu as convidarei a descer até as fontes da comunhão. Mas, antes, vou deter-me um pouco sobre o que o Novo Testamento diz sobre o amor. Depois, falarei sobre a vida de oração.

1. Parábola de comunhão

Muito jovem, o Irmão Roger, nosso fundador, considerou que criar uma comunidade de homens, buscando incessantemente reconciliar-se, seria um sinal essencial. Ele via que, em plena guerra mundial, numa Europa dilacerada pela violência, realizar com algumas pessoas uma vida de comunidade fraterna seria um sinal de paz e de reconciliação. Ele quis começar a preparar para o que viria após a guerra.

A vocação que propôs aos Irmãos que iriam se unir a ele, era constituir o que chamou uma “parábola de comunhão”, uma “parábola de comunidade”.

Uma parábola é uma narração simples e acessível, mas que envia a uma realidade de uma outra ordem. O sentido de uma parábola é inesgotável, uma parábola não diz as coisas de uma vez por todas, não deixa de questionar aqueles que a ouvem mais de uma vez.

Toda vida comum alicerçada no Cristo e no Evangelho - tanto a nossa como também a sua – pode tornar-se uma parábola. No mundo onde muitos caminham como se Deus não existisse, o fato de existir homens e mulheres que se comprometem para sempre no seguimento do Cristo, provoca questionamentos. Se o Cristo não tivesse ressuscitado e presente neles, estes homens e mulheres não viveriam assim. Suas vidas tornam-se imagens concretas, visíveis, de uma realidade que não conseguem compreender. Constituem um sinal do Cristo misteriosamente presente no mundo e próximo daqueles que os rodeiam.

A parábola de uma vida consagrada a Deus e ao serviço aos outros não impõe nada, não quer provar nada, ela abre um mundo que é fechado em si mesmo, abre-lhe uma janela para uma outra realidade.

Uma vida de comunidade não seria em primeiro lugar uma existência que libera uma tal passagem para o infinito? Aqueles que a vivem não se deixam paralisar pela complexidade das dificuldades e dos desafios impostos as nossas sociedades. Eles jogaram sua âncora no Cristo, assim podem expandir uma abertura à esperança. Sim, jogar a âncora em Deus para manter-se firme mesmo quando a tempestade vier.

Vem à minha mente a lembrança de suas Irmãs na Cidade do Sol, em Porto Príncipe no Haiti, que eu visitei no ano passado e que já havia visitado com o Irmão Roger, há alguns anos. Neste enorme bairro marginalizado, sua presença provoca uma abertura à esperança.

Nós, os Irmãos de Taizé, buscamos expressar através de nossa vida que uma comunidade pode ser um laboratório de fraternidade. Esta é uma verdade para nós, mas toda comunidade é chamada a isto.

Gostaria de destacar um ponto particular desta busca de comunhão e de fraternidade, que é a interculturalidade. Falei sobre isto no mês de março na Conferência de Quaresma na Catedral Notre Dame e peço desculpas por repetir algo que talvez algumas Irmãs já tenham ouvido.

Entre nós, irmãos, assim como entre as Filhas da Caridade, existe uma grande diversidade de origens. Vimos de todas as regiões da Europa, da África, da Ásia e das duas Américas.

Hoje, uma tal pluralidade cultural é algo cada vez mais presente em toda parte. Mas, eis que a globalização é também percebida como uma ameaça. A unificação dos espaços econômicos e políticos suscita medos. Tensões ou mesmo conflitos violentos podem nascer devido à questão de línguas ou de identidade.

Então, em Taizé, desejamos que a harmonia de nossa vida seja um sinal de comunhão, não somente entre confissões cristãs, o que é um aspecto muito específico de Taizé, mas também um sinal de fraternidade entre os diferentes rostos da família humana que representamos.

Todas sabem, assim como nós, que se trata de um caminho difícil, mas ao mesmo tempo, um enriquecimento mútuo é possível, pois nossa identidade não se encontra somente na nossa origem, mas no Cristo, de quem todos nós nos revestimos.

Gostaríamos de partilhar tudo, no entanto, não posso negar: apesar da fé que nos é comum, apesar do rigor e da clareza na vocação, pode acontecer que não consigamos evitar distanciamentos que se prolonguem. Numa vida comunitária, existem diferenças de caracteres. Isto é evidente, podemos ser desajeitados, cometer faltas, isto também é evidente. Porém, pode acontecer algo de mais profundo, que não depende inteiramente de nós: uma distância muito grande entre os rostos variados da humanidade que trazemos; distâncias acentuadas, às vezes, por feridas da história entre nossos países e continentes. Em algumas dessas situações, estamos desamparados, não conseguimos imediatamente ultrapassar a distância.

Então, o que fazer com a tristeza que pode invadir-nos? Não ficar preso a ela, mas dela tirar uma consequência. Queremos, apesar de tudo, viver a busca da unidade e da reconciliação. Isto nos reenvia ao Cristo: somente Ele pode realmente unir tudo. Nisto queremos segui-lo e segui-lo até os confins do mundo. Estamos prontos a sofrer por isto.

Nas atenções fraternas, podemos manifestar uma grande simplicidade. Podemos realizar passos para renová-las: não ter medo do outro, não fazer julgamentos, não sentir-se imediatamente julgado, não interpretar as coisas de

maneira negativa, falar sobre elas quando existe uma dúvida e, sobretudo, nunca recusar nossa comunhão fraterna.

Podemos descobrir que a atenção aos pobres, essencial em nossas vidas, não se expressa somente nas atividades externas. Ela é, mais profundamente, uma atitude de abertura a todos aqueles e aquelas que nos são confiados. Entre nós também, em comunidade, nós nos lembramos de que o outro é, num certo sentido, um pobre, uma pobre que precisa de mim, ainda que seja dotada de dons extraordinários ou exerça uma responsabilidade.

Nossas fragilidades e imperfeições, inclusive se tornam uma porta pela qual Deus entra em nossa vida. Os arbustos que dificultam nossa caminhada comum, alimentam um fogo que ilumina o caminho. Quando, na oração comum, olhamos para sua Luz, pouco a pouco ela penetra nosso interior. O Mistério do Cristo torna-se o mistério de nossa vida. Nossas contradições interiores, nossos medos, talvez permaneçam, mas, através do Espírito Santo, Cristo vem penetrar no que nos inquieta, ao ponto que as obscuridades são iluminadas. Nossa humanidade, nossas diferenças, não estão eliminadas, Deus as assume e pode dar-lhes uma realização.

O que acabo de expressar pode parecer difícil, mas é também, paradoxalmente, a fonte de uma alegria profunda, a de ir até o fundo do chamado evangélico que queremos responder.

Através deste exemplo de interculturalidade, comentei uma parte do título que me foi pedido: a comunidade como lugar de audácia da caridade, em outras palavras, a comunidade como laboratório de fraternidade. E sobre a comunidade como força evangelizadora? A expressão da “parábola de comunhão” é muito preciosa também a este respeito.

Hoje, constatamos que os jovens em particular - porque são eles, sobretudo, que acolhemos em Taizé - são sensíveis ao testemunho dado por uma vida de comunidade, segundo esta parábola que descrevi. Para eles uma vida comum torna-se sinal. Muito mais do que as pessoas individualmente, eles olham para o testemunho da comunidade.

Os jovens que acolhemos participam da nossa oração comum três vezes por dia. Partilham entre si sua busca por Deus e igualmente a vida quotidiana, as refeições, os serviços. Através disto fazem uma experiência de comunhão. Alguns hesitariam empregar este termo, eles diriam simplesmente que vivem a amizade, a

partilha, o respeito mútuo, que estão juntos, que se conhecem...e outras expressões parecidas com estas.

Na realidade, o que eles fazem é uma experiência de Igreja, descubrem a beleza da comunhão na Igreja, mesmo se eles ainda não empregam estas palavras. Então, os corações se surpreendem, eles se abrem, perguntam-se qual é a razão do vínculo que os une: como pode estabelecer-se uma harmonia entre pessoas tão diversas, que pertencem a confissões religiosas e culturas tão diferentes e, inclusive a povos que podem estar em forte oposição?

Alguns terminam questionando-se sobre a sua fé. Eles chegam a fazer a experiência do encontro com Deus, no Cristo, a fonte de uma unidade que não tem fronteiras, nem barreiras. Para resumir isto numa só frase, eu diria que a doutrina sobre a fé e sobre a Igreja é importante, mas que a experiência de comunhão, a experiência de fraternidade deve ser a primeira.

Viver uma experiência de fraternidade com aqueles que Deus nos confia é também uma parte de sua vocação. Viver com eles uma tal experiência de fraternidade é ajudá-los a compreender que cada um foi feito para construir com outros a comunidade humana e que a felicidade não se encontra no “cada um por si”. Significa ajudá-los a compreender que aqueles que amam Cristo, ricos e pobres, doentes ou sãos, jovens ou idosos, todos são convidados a formar como uma grande comunidade de amizade e que é nisto que consiste sua participação para a cura das feridas da humanidade.

Nós, cristãos, não deveríamos ser os primeiros a contribuir para formar o rosto das sociedades do futuro, a buscar realizar a fraternidade inaugurada por Cristo? Sem se impor, os cristãos podem favorecer uma globalização da solidariedade que não exclui nenhum povo, nenhuma pessoa. Talvez só possamos semear as pequenas sementes de confiança e de paz. No entanto, não somos todos chamados a viver o que aos olhos humanos parece impossível? Deus pode revelar-se na história porque algumas pessoas, tais como, Abraham e Maria, acreditaram que para Deus nada era impossível.

2. Escolher amar

Queridas Irmãs, vocês estão buscando como aprofundar sua espiritualidade na dimensão fraterna e como renovar a audácia da caridade para um novo elã missionário. Em outras palavras, estão tentando compreender melhor como se

articula a vida comunitária e o testemunho para além dela. Tentei na primeira parte responder a esta questão através da expressão “parábola de comunhão”.

Para resumir sua busca, teríamos também duas outras palavras simples que o Irmão Roger, em sua idade já avançada, gostava muito de usar: “Escolher amar”. Inclusive, ele desejou dar este título ao seu último livro que a morte o impediu de escrever. Escolher amar! Como alimentar esta escolha na fonte da Escritura? É isto que desejo agora desenvolver.

Devemos dizer e repetir: no centro da mensagem do Evangelho, encontra-se a fraternidade e o amor. Nossa fé é autêntica na medida em que se encarna numa comunhão fraterna.

A reconciliação com Deus implica a reconciliação entre os homens. O Cristo chegou ao ponto de dar sua vida para “reunir na unidade os filhos de Deus dispersos”; Ele ultrapassou as barreiras; pela Cruz e Ressurreição instaurou uma nova solidariedade entre todos. A solidariedade não pode limitar-se a uma família ou a um povo, ela ultrapassa particularismos.

Nos Evangelhos, encontramos duas maneiras de falar sobre o amor. Os Evangelhos sinóticos e o Evangelho segundo São João se expressam de duas maneiras um pouco diferentes.

Os Evangelhos de Mateus e Lucas transmitem as palavras através das quais Jesus chama seus discípulos a um amor que vai além de todas as fronteiras. Não se trata somente de amar ao próximo que está mais perto. A parábola do samaritano convida a tornar-se o próximo de todos e a servir a qualquer um que esteja precisando. A parábola de Jesus no Sermão da Montanha em Mateus e, no Sermão da planície em Lucas impulsiona este chamado ao extremo: amar até mesmo os inimigos.

Os Evangelhos sinóticos, particularmente o de Lucas, recordam a exigência da justiça proclamada por João Batista e pelo próprio Jesus. João Batista pede uma solidariedade concreta: “*quem tem duas túnicas dê uma ao que não tem; e quem tem o que comer, faça o mesmo*” (Lc 3, 11) Jesus expressa isto igualmente na parábola de Lázaro e do homem rico. Ele fala como um profeta do Antigo Testamento exigindo que os ricos partilhem com os mais pobres (Lc 16). Tanto João Batista como Jesus confirmam o que, desde sempre, pedem a Lei e os profetas.

No entanto, em outros momentos, Jesus vai muito além do que os profetas e inclusive João Batista puderam pedir. Quando aquele que tem duas túnicas dá uma a quem não o tem, podemos dizer que isto é algo justo. Mas, Jesus pede o que nos parece injusto: *“E ao que te tirar a capa, não impeças de levar também a túnica. Dá a todo o que te pedir; e ao que tomar o que é teu, não lho reclames”* (Lc 6, 29-30). Dar a túnica quando alguém já te tirou a capa, é algo que nenhuma lei pode exigir. Jesus convida seus discípulos para ir além das exigências de justiça e aventurar-se na dinâmica do Reino de Deus.

Então, amar significa esquecer a reciprocidade. Existe um amor evangélico que rompe todos os círculos fechados, que vai sempre mais além. Cito ainda estas palavras do Sermão da Montanha que todas conhecem muito bem: *“se amais os que vos amam, que recompensa mereceis? Também os pecadores amam aqueles que os amam”* (Lc 6, 32-34).

Quanto radicalismo neste amor completamente gratuito! No entanto, quando abrimos o Evangelho de João, encontramos ali um chamado ao amor recíproco: *“Dou-vos um novo mandamento: amai-vos uns aos outros. Como eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros”* (Jo 13, 34). Para João, o amor aparece numa primeira abordagem reduzido ao amor fraterno recíproco. Sua insistência sobre a reciprocidade não seria talvez um retrocesso?

Devemos lembrar-nos do contexto no Evangelho de João. Jesus lavou os pés dos seus discípulos. Este gesto é símbolo de um amor que se faz serviço e doação. Jesus convida seus discípulos a amar *“como eu vos amei”*. Logo, seu amor fraterno não pedirá nada menos que o dom total de si no seguimento do Cristo, que também doou sua vida.

Compreendemos, então, que o chamado ao amor recíproco não se trata de um retrocesso. O amor recíproco pode ser tão exigente quanto o amor gratuito. Às vezes, inclusive, é muito mais difícil construir pacientemente a fraternidade recíproca com nossos Irmãos ou com nossas Irmãs do que nos doarmos generosamente aos que são mais pobres do que nós.

Quem não é a favor da fraternidade entre todos? Porém, é no concreto de nossas vidas que a fraternidade deve ser primeiramente vivida. É na nossa vida fraterna diária que se encontra, às vezes, resistências perigosas. Nossa vida em comunidade é, sob este aspecto, um lugar de verdade. É na vida fraterna de uma comunidade, como também na de uma família, que se verifica a autenticidade do

amor. Se as resistências à fraternidade não podem ser superadas no concreto de uma comunidade, como o serão numa escala muito maior?

Tanto numa Comunidade, como numa família, não se escolhe os irmãos e as irmãs. A comunidade é um lugar onde devemos trabalhar a transcendência de nossas resistências. Isto implica, às vezes, limitações e renúncias, mas não existe reconciliação sem renúncias.

Em meio à dureza do mundo, o amor fraterno cria um espaço diferente. Este espaço é como o início do reino de Deus onde estão em vigor outras leis diferentes das do mundo. O Reino de Deus é um mundo novo destinado a se realizar em toda parte, mas existem lugares onde ele começa como um germe. O amor fraterno recíproco é uma espécie de território já conquistado pelo Reino de Deus. Lá onde irmãos e irmãs se amam em verdade, Deus já está reinando.

Para concluir a comparação entre as palavras de Jesus nos evangelhos sinópticos e em João, diria que o amor gratuito, o serviço sem medida, sem nada esperar em troca é como uma ampliação daquilo é vivido primeiro no amor recíproco da comunhão fraterna.

Para beber na fonte do amor segundo o Evangelho, precisamos ir ainda mais fundo. No amor mútuo dos discípulos, é o amor recíproco da Trindade que está presente na terra. Jesus lhes disse um dia estas palavras que sempre meditaremos: *“Naquele dia conhecereis que estou em meu Pai, e vós em mim e eu em vós”* (Jo 14, 20).

Jesus prolonga este pensamento através da alegoria da videira (Jo 15), Jesus é a videira, os discípulos são os ramos e o Pai é o agricultor. *“Quem permanecer em mim e eu nele, esse dá muito fruto”* (Jo 15,5). O fruto que a videira dá é o amor para o mundo, o amor gratuito para todos: a imagem de Deus que *“de tal modo amou o mundo, que lhe deu seu Filho único”* (Jo 3, 16).

Deus é em si mesmo comunhão. O amor fraterno é o lugar onde esta vida de Deus “permanece” na terra, como no passado, sua presença permanecia no Templo. Cito João 14: *“se alguém me ama, guardará a minha palavra e meu Pai o amará e nós viremos a ele e nele faremos nossa morada”* (Jo 14, 21-23). Ainda que nossa vida comunitária seja pobre, o importante é contemplá-la à luz do Evangelho.

Se nos determos alguns momentos sobre uma passagem da primeira Carta de São João, nela encontraremos um paralelo um tanto quanto surpreendente entre o dom de sua vida, como Jesus o fez, e a partilha mais concreta dos bens materiais:” *Nisto temos conhecido o amor: (Jesus) deu sua vida por nós. Também nós devemos dar a nossa vida pelos nossos irmãos Quem possuir bens deste mundo e vir o seu irmão sofrer necessidade, mas lhe fechar o seu coração, como pode estar nele o amor de Deus?”* (I Jo 3, 16-18).

Aqui, “o irmão” não é mais somente um membro da comunidade, mas todo homem que passa necessidade. É assim que o amor fraterno e recíproco cresce sem parar nos limites. Reencontramos aqui a dinâmica da parábola do bom samaritano.

Queridas Irmãs, vocês têm razão em buscar aprofundar sua espiritualidade nesta dimensão fraterna. Sua vocação as conduz a esta doação sem medida, a amar gratuitamente e sem limites, aqueles que conhecem todos os tipos de pobreza. Para que este amor generoso, amplo, radical não se esgote, mas se renove sempre e cada vez mais, é importante que ele encontre seu ponto de apoio no amor recíproco que as une umas as outras. Este amor fraterno, em si mesmo, precisa ser alimentado e encontrar sua fonte no amor mútuo da Trindade, que tentamos contemplar na oração. Isto me conduz ao último tema que gostaria de trabalhar com vocês, nesta terceira parte, que é sobre a vida contemplativa.

3. Que em nossas vidas terra e céu se unam!

Assim como vocês, queridas Irmãs, nós temos um ministério que exige muito de nossas forças. Logo, precisamos alimentá-lo na vida contemplativa, de tal maneira que sempre em nossas vidas o céu e a terra se unam. Sim que em nossas vidas o céu e a terra se unam.

Para perseverar na vocação, trata-se de ousar permanecer numa expectativa. Uma expectativa não somente orientada para o futuro, o Reino de Deus, mas também verticalmente para Deus no momento presente. Ousar acreditar que existe uma alegria na espera. Esta espera é vivida com frequência em silêncio na presença de Deus.

Em Taizé, damos muito espaço para o silêncio. Na oração comum, ele permite ficar sozinho diante de Deus, mesmo se estamos numa grande assembleia. Um tal silêncio prepara a adoração. Em longos silêncios onde aparentemente nada acontece, Deus está trabalhando em nós, sem que saibamos como. Santo Agostinho escreveu:

“Toda a vida do cristão é um santo desejo. Deus, ao fazer esperar, alarga o desejo; ao fazer desejar, alarga a alma; ao alargar a alma, ele torna-a capaz de receber... Se desejas ver Deus, já tens fé”.

Esta sede que temos não seria, então uma marca gravada por Deus em nós, para que nos voltemos para ele? Ela abre nosso coração ao Espírito Santo que sussurra em nós: *“Vós sois amado para sempre e sem volta, mesmo as dificuldades de sua vida, às vezes muito duras, não podem apagar este amor”.*

Saber esperar... Estar lá presente, simples e gratuitamente. Ficarmos de joelhos para reconhecer, mesmo com o corpo, que Deus não age com força como o imaginamos. Abrir as mãos, em sinal de acolhimento. Se nem sempre conseguirmos expressar este desejo interior através das palavras, fazer silêncio já é a expressão de uma abertura para Deus.

A Virgem Maria é a imagem de uma espera silenciosa, mas ardente de Deus. Desde sempre, ela foi amada por Deus e preparada para o que Ele iria pedir-lhe. No entanto, nenhum dos seus vizinhos do cotidiano pôde imaginar o mistério que Maria de Nazaré trazia consigo. Afinal, os maiores mistérios não se passam num profundo silêncio?

Para entrar nesta silenciosa espera, ter às vezes dias de retiro é um grande apoio. O Cristo nos diz: *“Vinde à parte, para algum lugar deserto, e descansai um pouco”* (Mc 6, 31) É como se Ele nos dissesse: contudo, não vos alegreis com o que viveis em vosso ministério, mas, sim, alegrai-vos com uma alegria ainda maior, *“porque os vossos nomes estão escritos nos céus”* (Lc 10, 20).

A vida contemplativa nos conduz ao dom de nós mesmos dentro de um grande desinteresse. Quando Christian de Chergé, superior dos monges de Tibhirine, refletiu sobre o martírio, não foi exatamente na morte violenta que ele pensou, mas sim, “no martírio do amor” realizado na vida cotidiana. Ele escreveu: “Demos o nosso coração a Deus, “de modo superficial” e isto nos custa quando Ele no-lo toma em “detalhes!”.

A vida contemplativa não pode se desenvolver sem ascese. Não uma ascese que terá seu objetivo em si-mesma, desconexa do amor de Deus e do próximo, mas uma simplificação contínua da nossa existência. O contexto atual exige sinais claros e livres de resignação.

Uma forma de ascese é o celibato. Gostaríamos de renovar sempre mais este compromisso, na alegria de ser de Cristo, que nos torna disponíveis àqueles que Deus nos confia.

Que nossa afetividade se torne abertura! Não podemos falar de compromisso ao celibato sem falar do louvor. Por exemplo, cantar o Salmo 90 “*quem habita ao abrigo do Altíssimo e vive à sombra do Senhor onipotente diz ao Senhor: sois meu refúgio e proteção, sois o meu Deus, no qual confio inteiramente*”, e nosso sim a Deus já se renova. Louvar a Deus pela vida que nos concede, por todo o nosso ser que foi chamado a participar da ressurreição do Cristo. Cada reflexão sobre o nosso compromisso deveria começar pelo louvor da criação e pelo que somos.

Ousemos mesmo um louvor pobre, balbuciante. Este louvor deve subir do nosso ser, e às vezes até mesmo atingir o fundo da nossa miséria. Neste louvor, não se trata de querer apresentar a Deus algo de perfeito, mas de apresentar-lhe o nosso ser. Entramos no reino de Deus como mancos. Somos da terra e, no louvor, existe sempre algo da terra e algo do céu que se unem.

A atitude da renúncia livre que vivemos no celibato implica também a renúncia em outros aspectos, por exemplo: podemos ter a tentação de buscar compensações na ordem material, entretanto, não podemos realmente viver o celibato querendo ao mesmo tempo ter possibilidades materiais ilimitadas.

Pode acontecer também de termos a tentação de considerar nosso trabalho como um algo particular, que nos pertence, que somos proprietários e que se torna como um pequeno reino pessoal.

Para bem viver o celibato, velemos também para não negligenciar a sensibilidade à beleza. Para cada uma e a cada uma cabe escolher o que melhor corresponde e, responder a esta questão: o que me ajuda a permanecer atenta à beleza? Existe a natureza, a música, um livro. Sem momentos de gratuidade, de beleza, instala-se um desequilíbrio que não ajuda a avançar. A sensibilidade à beleza faz parte da vocação de seguir o Ressuscitado.

O espírito de louvor permite conservar sempre um espaço, ainda que pequeno, onde deixamos ressoar a “alegria que permanece”, esta alegria que vem do Espírito Santo. Aliás, sua origem não estaria, portanto, na confiança de ser amado de Deus, confiança que nos conduz para além das dificuldades?

Para nos manter nesta alegria, o Espírito Santo nos ensina a seguir o Cristo manso e humilde de coração. Ele nos dá a humildade de Jesus. Ele muda nossas revoltas interiores, nossa necessidade de autojustificação, em força e benevolência.

Evidentemente que também conhecemos sombras. No entanto, como sempre estimaríamos escolher acreditar no amor de Deus, acreditar que Ele encontra sua alegria em cada uma, em cada um de nós, crer que Ele nos dá o seu Espírito Santo sem medidas. Crer que sua misericórdia vai muito além das nossas faltas. Quaisquer que sejam os acontecimentos, Cristo ressuscitado permanece a bússola que orienta nossa existência. Então, nas tempestades de nossa vida, não sejamos como os discípulos que, no barco, tentam desesperadamente lutar contra as ondas, porém não pensaram imediatamente em despertar o Cristo.

Escolhemos crer que Cristo é o mestre de nossa vida. Deus não é um apoio para conseguirmos a realização dos nossos projetos, porém, Ele orienta nossa existência como também a história da humanidade e a de todo o universo. Esta confiança nos torna, paradoxalmente, livres de todo determinismo. Faz-nos responsáveis.

Esta confiança nos ensina a não deixar nossas preocupações ocuparem todo o espaço. É neste sentido que o tentador quer nos conduzir, buscando introduzir em nossa pessoa uma divisão: Deus é colocado de lado (não numa realidade, mas em nossa consciência. Os primeiros monges sabiam bem disto. Um Padre do deserto disse: *“Toda vez que um homem deseja rezar, seus inimigos, os demônios, tentam impedi-lo, pois eles sabem que nada os incomoda tanto como a oração a Deus”*.

Como os discípulos de Jesus, aprendemos que o crescimento não vai acontecer segundo o nosso desejo, mas algo muito maior, que engloba felicidade e sofrimentos. Nosso avanço no caminho nos conduz a um despojamento sempre maior da nossa vontade própria, do nosso apego aos bens materiais e talvez, até mesmo da nossa espiritualidade. Nisto seguimos Jesus, o Cristo que nos disse: *“Felizes os pobres”*

Sim, repetidas vezes reafirmamos nossa confiança no Cristo. Esta palavra é fácil de pronunciar! Mas, que combate para realmente realizá-la! Acreditar que além das pequenas mortes ao longo da nossa existência, uma alegria nos é oferecida em sua comunhão.

Termino com estas últimas palavras. Cada uma e cada um de nós pode ser tentado a querer parar, instalar-se ou permanecer no meio do caminho. O Irmão

Roger nos lembrava que existe uma opção a ser feita e a ser retomada entre a mediocridade e a santidade. Existe uma alegria ao escutar o absoluto do chamado de Cristo: “Sede Santos!”. Não é por que talvez ela esteja longe de nós que temos muita dificuldade em atingir a santidade, mas porque ela está muito mais próxima do que pensamos. Deus a colocou diante de nós a cada momento para que nós a escolhamos.

Então, qual é a barreira que sou chamado a ultrapassar agora? Não se trata necessariamente de “fazer mais”, senão de avançar sem esperar, no caminho do amor, através de atos. Numa atenção cheia de delicadeza pelo nosso próximo, podemos avançar sem esperar um minuto.

Vamos de começo em começo. Através da vida do Cristo, vemos que Deus não se cansa nunca de retomar sempre o caminho conosco. Assim também nós, não devemos jamais nos cansar de recomeçar sempre, porque em cada um de nós, em cada vida, a terra e o céu se unem.

Questões para aprofundar:

- * Como a vida fraterna apoia o compromisso com os pobres?
- * Quais são os riscos quando a vida fraterna é negligenciada?
- * O compromisso com os pobres nos reenvia à vida fraterna?
- * Como a qualidade da nossa vida comunitária, nossas relações mútuas, aguçam nossa atenção aos pobres?
- * O que é necessário na vida comunitária, para que as comunidades se tornem lugares onde Deus já reina e onde resplandece seu amor sem limites?
- * Podemos renovar numa vida contemplativa o amor pelos mais pobres ?
- * Quais são fontes da caridade que nos tornam acessíveis na vida de comunidade?

Irmão Aloïs
Superior de Taizé

PADRE CELESTINO FERNÁNDEZ, CM

O COMPROMISSO DAS FILHAS DA CARIDADE

NA IGREJA E NO MUNDO

Casa Mãe, 21 de maio de 2015

Devo começar com uma sincera confissão. Quando a Superiora geral me convidou para dar esta conferência senti-me lisonjeado e inclusive fui invadido por uma certa vaidade. Evidentemente que não é todo dia que me convidam para falar às delegadas de uma Assembleia geral. No entanto, quando comecei a redigir estas linhas, a vaidade e a presunção se tornaram um temor e tremor.

Com a compreensão e a benevolência de todas, vou brindar-lhes com minha modesta reflexão sobre algo que é antigo e sempre novo: o compromisso que a Companhia das Filhas da Caridade deve honrar hoje, na Igreja e no mundo. Destaco a palavra: 'hoje', porque se trata de nos situarmos no momento atual que atravessa a Igreja e o mundo. O ontem pode nos servir de inspiração, mas já é passado.

PONTO DE PARTIDA: UM CONFRONTO ENTRE O SER E O FAZER

Constantemente, em nossos encontros, retiros, reuniões, assembleias, conversações... fazemos duas perguntas relativas ao 'ser' e ao 'fazer' vicentinos. Sempre partimos de duas percepções: por um lado, todos concordamos que o carisma, o 'ser', a identidade, as marcas características dos vicentinos foram, têm sido e serão totalmente atuais. Por outro lado, não está tão claro a nossa maneira de viver e de transmitir esse 'ser' vicentino, essa dimensão vicentina. Definitivamente, se trata do confronto entre a nossa identidade e nossa maneira de projetá-la, entre o que somos e o nosso compromisso prático e efetivo. Por isso, a presente reflexão quer responder a uma série de perguntas fundamentais: como deve ser o compromisso efetivo dos vicentinos? Qual deve ser a contribuição dos vicentinos na colaboração eclesial e na construção de um mundo melhor? Os vicentinos são capazes de fazer frutificar nosso carisma, nossa espiritualidade, nosso ser na tarefa da nova evangelização? Quais são as características vicentinas que podem contribuir para o sucesso da nova evangelização, sobretudo, para um melhor serviço integral dos pobres? Como deve ser a nossa missão para que possa ser chamada vicentina?

Estas são questões que estão na base do nosso compromisso vicentino e, conseqüentemente, dizem respeito à Companhia das Filhas da Caridade. A partir das respostas a estas perguntas, poderemos medir o grau de fidelidade, de audácia, de criatividade e de elã missionário.

ALGUNS ESCLARECIMENTOS SOBRE O COMPROMISSO

Não sei se a palavra “compromisso” significa o mesmo em todas as línguas e culturas. Também não sei se todos os movimentos eclesiais empregam a palavra “compromisso” com a mesma intencionalidade e com as mesmas consequências. Tenho muito medo que esta expressão faça parte daquelas que cada um entende como quer e a aplica como pode.

Por isto, é bom e necessário especificar, esclarecer o caráter e a natureza do compromisso em nossa opção vicentina. Para uma Filha da Caridade, o compromisso deve estar em absoluta e perfeita coerência com o carisma e a espiritualidade vicentina. Eu diria que o compromisso deve ser a manifestação real, efetiva e concreta do ‘ser’ vicentino. No Evangelho segundo São Mateus, Jesus nos adverte: *‘pelos seus frutos os conhecereis...’* (Mt 7, 16). O compromisso é o fruto concreto e mensurável do que somos e da nossa opção vocacional na Igreja e no mundo.

Qualquer pessoa que entre em contato com o carisma vicentino, deve ter muito claro que o compromisso vicentino refere-se única e exclusivamente a tudo o que concerne aos pobres e marginalizados, a tudo o que afeta o grande e terrível mundo da pobreza e da miséria, a tudo o que atinge a falta de dignidade humana nas diferentes e variadas dimensões. Eu levaria muito tempo para citar todo o catálogo de frases de Vicente de Paulo a este respeito: desde *“os pobres são nossos Senhores e Mestres e somos indignos de prestar-lhes nossos pequenos serviços”* (Coste XI, 393); *“nossa herança são os pobres”*; *“é preciso que se corra às necessidades espirituais do nosso próximo como se corre para apagar um incêndio”* (Coste XI p. 31).

Definitivamente, falar do ‘compromisso vicentino’ significa falar sobre três dimensões conjuntas, tais como: o serviço dos pobres, a prática da solidariedade e a luta pela justiça. Estas três dimensões estão sustentadas pelo “amor afetivo e efetivo”. Se não tivermos claro esta característica específica do compromisso vicentino, nossa missão na Igreja e no mundo será diluída numa espiritualidade desencarnada ou numa infidelidade à herança dos nossos fundadores.

QUADRO GERAL DO COMPROMISSO DAS FILHAS DA CARIDADE

A primeira coisa que devemos fazer é partir de um pano de fundo, ou seja, do quadro geral do nosso compromisso. Numa conferência aos missionários em 6 de dezembro de 1658, São Vicente fala sobre “a finalidade da Congregação da Missão”: *“...tornar Deus conhecido aos pobres, anunciar-lhes Jesus Cristo, dizer-lhes que o*

reino dos céus está próximo e que a eles pertence” (Coste XII,pág.80). É curioso que esta frase tão fundamental para São Vicente tenha sido pouco empregada pelos sacerdotes da Congregação da Missão. No entanto, as Filhas da Caridade retomaram esta frase em suas Constituições tanto nas anteriores, como nas atuais, ainda que não literalmente, e fizeram-na palavra de ordem do seu compromisso global (Cf. Constituições das Filhas da Caridade, C.10 a).

Esta frase de São Vicente é o melhor resumo da característica vicentina da evangelização, da missão. Ela está em grande consonância com a “*Evangelii nuntiandi*” de Paulo VI, o documento mais completo sobre a evangelização. Portanto, todas as ações evangelizadoras das Filhas da Caridade devem inspirar-se, estar orientadas e articuladas a partir deste quadro geral, assim como todas as suas atitudes, disposições e opções de serviços devem estar voltadas para ele.

O SOPRO VITAL DO COMPROMISSO

Este programa geral nos apresenta a essência, o centro da intuição vicentina. Além disso, nos revela o ‘sopro vital’ que suscita, anima e sustenta o compromisso das Filhas da Caridade. Sem este sopro vital, o compromisso seria apenas uma estratégia meramente altruísta. Estas três dimensões que foram a base da opção radial de Vicente e Luísa, devem estar presentes no coração de todo vicentino.

1 - A primazia de Deus

Deus é o primeiro e o absoluto. Nós somos canais da bondade e da misericórdia de Deus. No entanto, o Deus que a Filha da Caridade deve anunciar e manifestar é o Deus *‘protetor dos pobres’*, como diria São Vicente de Paulo (Coste X, pág. 512), o Deus de amor e de misericórdia. Deus é o primeiro que opta pelos pobres. Portanto, a causa dos pobres é a causa de Deus e o problema dos pobres é problema de Deus. Por isso, podemos dizer que a opção pelos pobres, antes que um mandamento ou um compromisso, é uma realidade de fé.

2 - A centralidade de Cristo

Toda a vida de Vicente de Paulo é cristocêntrica e sua cristologia não é teórica, ela é existencial. Portanto, a identidade da Filha da Caridade é cristocêntrica e sua opção pelos pobres só pode ser compreendida porque a causa dos pobres é a causa de Cristo. A Filha da Caridade segue e anuncia *‘Jesus Cristo servo e evangelizador dos*

pobres’, ela deve fixar seu olhar, no capítulo 4, do Evangelho de São Lucas: “*O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres...*”. Aqui se encontra a razão principal de sua opção pelos pobres, de sua vocação e de sua missão na Igreja e na sociedade.

3 - A paixão pelos pobres

Não se trata somente da preocupação pelos pobres ou de estar próximo deles, mas de algo que vai além disto. Trata-se de viver o que São Vicente de Paulo dizia: “*os pobres que não sabem para onde ir, nem o que fazer, que estão sofrendo e que a cada dia se multiplicam, constitui o meu peso e a minha dor*” (Collet I, pág. 479). Trata-se aqui de tornar os pobres nossa principal paixão e, diante de uma tal paixão, tudo o mais vai para o segundo plano. Vicente de Paulo movido por esta paixão pelos pobres chega a dizer: “*Ah! Devíamos vender-nos a nós mesmos para tirar os nossos irmãos da miséria*” (SVP, conf. de 28 de novembro de 1649, sobre o amor ao trabalho, pág. 326).

O FIO CONDUTOR DA MISSÃO VICENTINA

Esse quadro geral vicentino está estruturado por uma espécie de “fio condutor” que dá unidade e coerência à missão vicentina. Pois, sem este, corremos o perigo de ver nossa espiritualidade vicentina própria e específica se dissolver, perder a força e o fervor entre tantos grupos e espiritualidades eclesiais. Por isso, é bom e necessário considerar sempre este “fio condutor” que deve tecer e entrelaçar a missão a partir da dimensão vicentina.

Para identificar este fio condutor, não é necessário ir muito longe. A Filha da Caridade o encontra perfeitamente nas suas Constituições: “*para as Filhas da Caridade, o serviço de Cristo nos pobres é um ato de amor - amor afetivo e efetivo - que lhes orienta a vida e que é a expressão por excelência do estado de caridade*” (C.24 a).

Esse fio condutor é a ‘estrutura diaconal’ do carisma vicentino. Com esta e expressão refiro-me à caridade, ao serviço da caridade, à missão da caridade, à diaconia em seu sentido etimológico de serviço.

Todas as ações, pensamentos e intuições de Vicente de Paulo e de Luísa de Marillac têm como origem e objetivo a caridade como missão e, a missão como

caridade, daí a urgência para passar à ação. Também esta é a razão pela qual eles recomendam aos seus filhos e filhas que vivam em ‘estado de caridade’, pois, a perfeição cristã a que devem aspirar seus seguidores é a “perfeição da caridade”.

Vicente de Paulo une e recomenda unir o amor afetivo e efetivo como duas realidades que devem formar um só corpo, como a união inseparável entre a caridade e missão (cf. Coste IX, p.592,594-595,598-599). Ele adverte que o amor afetivo sem compromisso efetivo, isto é, a caridade sem a missão, é no mínimo suspeita: *“Amemos a Deus, meus irmãos, amemos a Deus; mas à custa de nossos braços, com o suor do nosso rosto. Com efeito, frequentemente, muitos atos de amor, de complacência, de benevolência e outros afetos semelhantes e práticas interiores de um coração terno, embora muito bons e desejáveis, são, contudo, muito suspeitos, quando não se chega à prática do amor efetivo (...) É sobre isto que devemos estar vigilantes. Muitos há que, por terem o exterior modesto e o interior cheio de grandes sentimentos de Deus, ficam nisso. Quando se trata da prática e se encontram em ocasiões de agir, ficam inertes. Iludem-se com sua imaginação exaltada, contentam-se com os doces colóquios que têm com Deus na oração, falam até como anjos; mas, fora disso, quando se trata de trabalhar para Deus, de sofrer, de se mortificar, de instruir os pobres, de ir procurar a ovelha desgarrada (...) Não são mais ninguém, falta-lhes coragem. Não, não! Não nos enganemos 'Totum opus nostrum in operatione consistit', (todo o verdadeiro bem se prova na ação)” (SV, vol XI, páginas, 41-42 trecho de um colóquio sobre o amor de Deus).*

Por isso, podemos dizer que o carisma vicentino está revestido por um fogo inextinguível e abrasador: o fogo da caridade, que nos une, nos impulsiona e nos abraça no compromisso missionário. Se não entrarmos nesta estrutura diaconal do carisma vicentino, nesta união indissociável da caridade e missão, corremos o perigo de cair em espiritualismos que nos farão perder tempo e a nossa identidade.

TRES PRIORIDADES INALIENÁVEIS E INEGOCIÁVEIS

A dimensão vicentina do compromisso nos conduz a três prioridades que devem estar na raiz do ‘ser’ e do ‘fazer’ das Filhas da Caridade e às quais não podem renunciar. Sua missão deve estar marcada por este selo indelével.

As Constituições das Filhas da Caridade e a dos Lazaristas são a atualização do pensamento dos Fundadores. Nelas encontramos um apelo constante para sermos fiéis a estas três prioridades de maneira criativa, que o Papa Francisco no-lo recorda no capítulo IV da Exortação Apostólica *“Evangelii gaudium”*. Este capítulo tem um

sabor vicentino.

Portanto, a partir de tudo isto eu me atrevo a formular estas três prioridades.

1 - UMA PREFERÊNCIA CLARA E EXPRESSIVA PELOS VERDADEIRAMENTE POBRES

Podemos tentar comparar esta primeira prioridade vicentina com a chamada “opção preferencial pelos pobres”. No entanto, esta expressão que continua sendo louvável e exigente para todos os cristãos, não é suficientemente forte para a missão e o compromisso vicentino.

Esta primeira prioridade absoluta, à qual não podemos renunciar, refere-se a uma opção que não é abstrata, uma opção muito distante das afirmações gerais ou dos estereótipos mais ou menos espirituais, refere-se a uma opção radical e em suma comprometida. O Papa Francisco foi bastante contundente e sincero quando disse: *“sem a opção preferencial pelos pobres, o ‘anúncio do Evangelho - e este anúncio é a primeira caridade – corre o risco de não ser compreendido ou de afogar-se naquele mar de palavras que a atual sociedade da comunicação diariamente nos apresenta”* (Papa Francisco, *Evangelii gaudium*, nº199).

Por isso, quero destacar a força destes dois adjetivos “clara e expressiva”, que nos indicam algo muito importante: que a preferência pelos pobres deixa de ser uma opção e converte-se numa obrigação exclusiva, que a opção pelos pobres deixa de ser meramente preferencial e converte-se em fundamental.

Em caso de dúvida, existe o advérbio “verdadeiramente” para indicar de maneira categórica o objeto desta preferência, para qual periferia devem dirigir-se as Filhas da Caridade. Santa Luísa de Marillac já o tinha dito quando explicou o serviço da Companhia: *“Ah! Que felicidade se, ..., a Companhia pudesse ocupar-se somente dos pobres desprovidos de tudo!* (SL, E.108, pág. 957). São Vicente de Paulo impelia também os seus filhos e filhas a buscarem os mais pobres, os mais abandonados: *“Vamos pois, meus irmãos! E nos empenhemos com um novo amor em servir os pobres e inclusive procuremos os mais pobres e os mais abandonados.”* (Coste XI, pág. 393s).

Além do mais, esta preferência clara e expressiva pelos verdadeiramente pobres exige que a opção seja efetiva, tangível e avaliada e que não fique no papel, nos documentos ou na geografia das boas intenções.

2 - CONSOLIDAÇÃO E REVITALIZAÇÃO DA CONDIÇÃO DE SERVAS

O compromisso das Filhas da Caridade baseia-se sempre no serviço de Cristo na pessoa dos pobres (cf. C.7 a, C. 10 b). Esta é a finalidade da Companhia das Filhas da Caridade (cf. C.8 b). Desde os Fundadores e através da mais autêntica tradição vicentina, o serviço foi, é e será a expressão global da identidade das Filhas da Caridade, a prova irrefutável de sua autenticidade, o que dá sentido e legitimidade à sua existência na Igreja e no mundo. Dizer Filha da Caridade significa dizer serva dos pobres: *“sois pobres Filhas da Caridade, que vos destes a Deus para o serviço dos pobres”* (Instrução de 22 de outubro de 1650, pág. 350).

Por isso, a condição, a identidade de “servas” é uma prioridade inegociável para as Filhas da Caridade. Em 1982, a então Superiora Geral, Irmã Lucie Rogé, já dizia numa conferência sobre as atitudes para o serviço: “ as Filhas da Caridade devem continuamente fazer a passagem de “Filhas da Caridade” e a “Filhas da Caridade servas”.

Consolidar e revitalizar constantemente a condição de servas é um desafio que as Filhas da Caridade devem encarar no atual contexto da sociedade. Já não faltam vozes que reivindicam a supressão da palavra ‘servas’, argumentando que tal expressão está obsoleta, que na sociedade esta palavra é mal compreendida, que o nome ‘servas’ não combina com a dignidade da mulher e com os direitos humanos...

No entanto, do ponto de vista teológico ou da espiritualidade vicentina, a supressão da palavra ‘serva’ ou o seu esquecimento significaria destruir as bases da identidade da Filha da Caridade. A Companhia converter-se-ia, pouco a pouco, numa espécie de organização humanitária e filantrópica. Ela não seria mais a Companhia que Deus inspirou a São Vicente e a Santa Luísa e da qual a Igreja e o mundo de hoje tanto precisam.

3 - SER EVANGELIZADOS PELOS POBRES

“Estes (os pobres) têm muito para nos ensinar. Além de participar do sensus fidei, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles” (Evangelii

gaudium, 198). Poderíamos dizer que este parágrafo é a tradução atualizada de um texto de Vicente de Paulo. Também não devemos estranhar que num documento sobre a evangelização, fale-se com ênfase, de modo explícito e interpelador sobre os pobres como “nossos evangelizadores”. Definitivamente, foi o que Vicente de Paulo destacou: os pobres são nossos senhores, mas também nossos mestres, isto é, nossos patrões e professores.

O primeiro sinal que uma Filha da Caridade deve discernir para saber o que Deus lhe está pedindo, é o clamor e o sofrimento dos pobres (C.11a). Pois, são os pobres que nos ensinam qual é a vontade de Deus e nos mostram qual é o nosso lugar na Igreja e na sociedade. Eles nos aproximam de Deus e nos reenviam incessantemente a Jesus Cristo, seus sofrimentos nos interpelam; nos convidam a uma pobreza mais radical; nos mostram a mordida da pobreza; nos evangelizam mediante sua paciência e sua capacidade de acolhimento. Podemos dizer que os pobres ensinam às Filhas da Caridade como devem realizar seu compromisso de amor serviçal.

Vicente de Paulo disse aos Padres da Congregação da Missão: *“o que me resta da experiência que tenho é o julgamento que sempre fiz da verdadeira religião, a verdadeira religião, senhores Padres, a verdadeira religião está entre os pobres. Deus os enriqueceu com uma fé viva, eles creem, eles tocam, eles saboreiam as palavras de vida. Vós jamais os vereis em meio às suas enfermidades, aflições e miséria, deixar-se levar pela impaciência, murmurar e queixar-se, nunca ou quase que raramente. De ordinário, eles conservam a paz em meio as penas e calamidades. Qual é a causa disto? A fé. Por quê? Porque eles são simples e Deus derrama sobre eles abundantes graças que nega aos ricos e sábios deste mundo”* (Coste XII p.170-171).

UMA ESPIRITUALIDADE DE OLHOS ABERTOS QUE FECUNDA O COMPROMISSO.

A espiritualidade vicentina é a seiva que fecunda, alimenta e vitaliza o compromisso das Filhas da Caridade. Pois, um compromisso, uma missão sem espiritualidade termina convertendo-se em burocracia, em propaganda ou em ativismo vazio. Mas, a espiritualidade vicentina deve ser uma espiritualidade “de olhos abertos”, segundo a expressão de J. B. Metz (“A experiência de Deus inspirada biblicamente não é uma mística de “olhos fechados”, mas uma mística de “olhos abertos”; não é uma percepção vinculada com o próprio eu, mas uma percepção

intensificada pelo sofrimento alheio”). Desta espiritualidade vicentina de “olhos abertos” destacarei três notas ou características, embora haja muitas outras:

Uma espiritualidade de encarnação

Uma espiritualidade que vai para “baixo”, uma espiritualidade dinâmica, semelhante a uma realidade cristológica muito apreciada por Vicente de Paulo: a “kénosis” de Cristo, isto é, o rebaixamento, o aniquilamento, de acordo com o hino paulino da Carta aos Filipenses (*Cf. Fl 2, 5-11*). Uma espiritualidade que se realiza no reverso da história e no compromisso com as vítimas do sistema.

Uma espiritualidade missionária

É uma espiritualidade que vai para “fora”: missão e evangelização integral dos pobres. Aqui se situam as virtudes específicas das Filhas da Caridade: humildade, simplicidade e caridade que, segundo a expressão de São Vicente são “a alma da Companhia”.

Uma espiritualidade do princípio-misericórdia

A misericórdia deve ser o motor do compromisso. Trata-se do termo “misericórdia” no seu sentido mais profundo: “ter o coração ao lado do miserável”. A misericórdia não se reduz a um mero sentimento de piedade ou de compaixão insuficientemente compreendido, ou às ‘obras de misericórdia’ que correm o perigo de nunca atingir as causas dos sofrimentos e da pobreza.

Por isso, não falo somente de uma espiritualidade de misericórdia, mas de uma espiritualidade do princípio-misericórdia: amor específico que está na origem de um processo, mas que, no entanto, permanece presente e ativo ao longo do seu desenvolvimento e o orienta-lhe para uma determinada direção.

ALGUNS CRITÉRIOS PARA UM COMPROMISSO VICENTINO.

No compromisso das Filhas da Caridade - como na evangelização - existe um conteúdo permanente e algumas formas que mudam e se renovam de acordo com o tempo, as culturas e as realidades sociais. As Constituições das Filhas da Caridade dizem que “*múltiplas são as formas de pobreza, múltiplas as formas de serviço*” (C. 11 a). Por isso, é importante revisar não somente o objeto, mas também a maneira de

realizar o compromisso do serviço aos pobres e com os pobres.

Atrevo-me a enumerar uma série de critérios, atitudes, linhas de ação... para um melhor serviço aos pobres, atualmente. Eu os chamo de “critérios vicentinos” porque estão presentes no carisma vicentino.

1 - Comunhão com os pobres

Isto implica um verdadeiro conhecimento dos problemas e necessidades dos pobres, um autêntico encontro com eles, um acolhimento profundo, uma real participação nos momentos de dificuldades, uma sensibilidade e respeito aos seus direitos, docilidade diante de suas exigências, escuta e diálogo para descobrir seus valores e ajudá-los a tomarem consciência do seu potencial libertador.

2 - Evangelização integral pela palavra e pelas obras

“Na contante preocupação com a promoção integral da pessoa, a Companhia não separa o serviço corporal do serviço espiritual, a obra de humanização da obra de evangelização” (C.14). São Vicente dizia também aos Padres da Congregação da Missão: *“...se existe entre vós alguns que pensam que estão na Missão para evangelizar os pobres e não para cuidar deles, para aliviá-los em suas necessidades espirituais e não as temporais, respondo-vos que devemos assisti-los e fazê-los ser assistidos de todas as maneiras, por nós e por outros. Fazer isto, é evangelizar por palavras e obras e isto é o mais perfeito; é praticar o que fez Nosso Senhor...”* (Coste XII, pág 88).

3 - Cultivar a sensibilidade

Vicente de Paulo dizia que se não temos um mínimo de sensibilidade diante dos sofrimentos dos nossos irmãos, os pobres, somos *“cristãos de fachada; é não ter humanidade, é ser pior que os animais”* (Coste XII, pág. 271). Sem sensibilidade, não existe abertura e proximidade com os pobres. No caminho de Jerusalém a Jericó, que representa a vida, a falta de sensibilidade faz de nós exploradores, sacerdotes e levitas sem coração. Sem sensibilidade, o mundo dos pobres permanece nos livros e nas frias notícias. Sem sensibilidade, não podemos descobrir Jesus Cristo nos pobres, porque a fé se limita a um conjunto de doutrina aprendida e recitada de memória.

4 - Ler os sinais dos tempos a partir dos pobres, com os pobres e para os pobres.

O Concílio Vaticano II pede com insistência a todos os cristãos que “estejam sempre atentos aos *sinais dos tempos*” (cf. *Gaudium et spes*, 4). Mas, a questão prática consiste em saber “a partir do que” examinamos, lemos, investigamos esses sinais dos tempos. As Filhas da Caridade, devem ler a vida a partir dos seus “senhores e mestres” os pobres. Devem analisar a realidade a partir das vítimas que sofrem, por causa de um sistema injusto e perverso que gera cada vez mais pobres, excluídos, marginalizados e “abandonados” como repetidamente disse o Papa Francisco. O compromisso e as consequências serão bastante diferentes, de acordo com a maneira de ler a vida: se ela é lida a partir dos olhos dos pobres, ou dos olhos do rico, com os olhos dos poderosos ou com os olhos daquele que é frágil e vulnerável.

5 - Fortalecer a “missão compartilhada”

Desde o Concílio Vaticano II, estamos falando sobre a participação, a colaboração, a implicação dos leigos na missão da Igreja. Há muito anos, estamos falando sobre a missão, o compromisso da Família Vicentina. É a hora de levar a sério a “missão compartilhada”. Há mais de quarenta anos, uma grande mulher, a Irmã Suzanne Guillemin, escrevia com ardor profético: “... a *Filha da Caridade é hoje chamada a passar de uma posição de autoridade a uma posição de colaboração*” (Mère Suzanne Guillemin “*Conferências e testemunhos*”, pág. 33).

6 - Dar testemunho da audácia e da criatividade da caridade

O Papa João Paulo II, em sua carta apostólica: “Novo millennio ineunte” empregou uma expressão que resume muito bem este critério: “*é hora duma nova ‘fantasia da caridade’*” (NMI, nº50). Aqui entram em jogo a audácia para ousar romper esquemas tradicionais que já estão esgotados e que impedem o serviço dos pobres e a criatividade a abrir novos caminhos de compromisso servicial. Os pobres, nossos “senhores e mestres” exigem da Filha da Caridade novos métodos, novas expressões e novo ardor em seu compromisso a favor deles. Do contrário, o compromisso perderá em eficácia, elã e significado.

7 - Organizar uma caridade inteligente

O Papa emérito, Bento XVI, popularizou em sua encíclica “*Caritas in Veritate*” uma expressão pouco utilizada na linguagem eclesial: “*a caridade inteligente*”: Ele disse: “*De fato, ‘aquele que está animado de verdadeira caridade é engenhoso em descobrir as causas da miséria, encontrar os meios de combatê-la e vencê-la resolutamente’...Não aparece a inteligência e depois o amor: há o amor rico de inteligência e a inteligência cheia de amor*” (C. inV. nº30). Vicente de Paulo,

quatrocentos anos antes, já havia falado sobre o “*amor criativo até o infinito*”. Essa caridade inteligente e esse amor inventivo devem guiar a Filha da Caridade em seu compromisso em favor dos pobres, tendo como horizonte a organização da caridade.

8 - Formar-se na Doutrina Social da Igreja

Não há dúvidas de que o carisma vicentino se sente muito à vontade com e na Doutrina Social da Igreja. É verdade que ela tem uma dimensão que dinamiza, revigora e atualiza o carisma vicentino, porque, se a caridade é a estrutura e o eixo fundamental do carisma vicentino, não podemos esquecer que também a caridade é a via mestra da Doutrina Social da Igreja. O Padre Robert P. Maloney, Superior Geral de 1992-2004, dizia que todos os programas de formação vicentina do século XXI deveriam estar imbuídos de uma formação intensiva sobre esta doutrina.

CONCLUSÃO

Parto do princípio de que as Filhas da Caridade devem realizar o seu compromisso de humanização, de promoção e de evangelização de todos os pobres, em dois âmbitos concretos: na Igreja e no mundo de hoje. Presumo que todas as Filhas da Caridade conhecem e apreciam a nova imagem da Igreja que o Papa Francisco deseja: uma Igreja pobre e para os pobres, uma Igreja de misericórdia, uma Igreja que seja um hospital de campanha, uma Igreja cheia de esperança e que comunica esta esperança, uma Igreja do diálogo, uma Igreja serva e serviçal, uma Igreja que testemunha a bondade e o amor do Deus que é bom. Também presumo que as Filhas da Caridade não estão alheias à situação do mundo atual, onde os pobres se sentem rejeitados, manipulados e esquecidos. Elas se esforçam para encarnar, no centro da Igreja, este amor preferencial pelos pobres.

Terminemos esta reflexão com algumas perguntas:

- São os pobres que determinam o nosso compromisso, nosso serviço e nossa missão?
- São os pobres que moldam a nossa mentalidade e os nossos critérios?
- Nossas estruturas são adequadas para o serviço dos pobres?
- Será que o amor de Cristo nos impele realmente e nos impulsiona a ir ao encontro dos pobres?

Padre Celestino FERNÁNDEZ, CM.

ENCERRAMENTO DA ASSEMBLEIA

Alocução da Irmã Kathleen Appler

Casa Mãe, 12 de junho de 2015

*“... Que Cristo habite pela fé em vossos corações,
arraigados e consolidados na caridade,
a fim de que possais, com todos os cristãos,
compreender qual seja a largura, o comprimento,
a altura e a profundidade, isto é, conhecer a caridade de Cristo,
que desafia todo o conhecimento, e sejais cheios
de toda a plenitude de Deus” (cf. Ef, 17-19).*

Queridas Irmãs, boas festas do Sagrado Coração de Jesus! Enquanto eu rezava e refletia sobre as leituras das Escrituras para este dia, percebi que bênção é concluir nossa Assembleia Geral com esta festa, que reflete tão claramente a virtude teológica que é a nossa força vital como Filhas da Caridade, isto é, o amor. É muito apropriado para nós que este dom da presença indefectível de Deus esteja no centro da nossa liturgia de hoje, neste momento em que encerramos estes dias nos quais fomos desafiadas a esforçar-nos para escolher amar mais plenamente e a viver mais autenticamente com Cristo, que é a nossa Regra de vida. (C. 8).

Encorajadas, alicerçadas e enriquecidas por este amor, nós rezamos para que nossas vidas reflitam, genuinamente, a alegria de seguir o Cristo, assim como a radicalidade da resposta que nos será pedida, na medida em que avançarmos com audácia e confiança na direção que Deus nos quer conduzir. A alegria e as escolhas de vida radicais – um coração agradecido e um intenso desejo de crescer, de ser desafiada, de ser mais – provocam verdadeiramente uma mistura de emoções, mas também o estímulo perfeito para ir em frente, vocês não acham?

Eu imagino que vocês também devem sentir uma variedade de emoções ao chegarmos neste ponto da nossa caminhada em nossa IX Assembleia Geral. Cada uma trabalhou muito, rezou bastante, discerniu tanto individualmente quanto em grupo e, não tenho dúvidas de que desenvolveram relações, laços que continuarão a ser fortalecidos nos próximos anos. Imagino que também devem estar sentindo a antecipada alegria de retornar para casa, para suas Províncias, para encontrar suas

Irmãs que as acompanharam tão fielmente através da oração e do pensamento durante as últimas seis semanas, para retomar o ritmo diário, tanto com as alegrias quanto com as dificuldades que vocês vivem lá onde estão. Estes foram realmente momentos abençoados para cada uma de nós e uma oportunidade para nos abirmos às muitas graças de Nosso Senhor!

Refletindo sobre tudo que compartilhamos juntas aqui, na Casa Mãe, encho-me de gratidão e admiração. Tivemos a graça de encontros de qualidade - preparados pela inspiração contida em nossa Carta Magna e enriquecidos pelas reflexões de pessoas que têm laços internos ou externos com a Pequena Companhia. Nossas partilhas incluíram a sabedoria do Irmão Alois de Taizé, da Irmã Sujita da Índia, do Pe. Celestino Fernandez, nosso irmão da Família Vicentina, da senhora Laurence de la Brosse, da Associação Internacional de Caridades, do Cardeal Robert Sarah, de Roma, e do Cardeal Vingt-Trois, de Paris, e de muitos Padres da Missão que nos concederam a graça de sua presença celebrando a Eucaristia conosco diariamente.

Os pobres foram trazidos à nossa presença de maneira respeitosa e reverente e eles, de fato, nos acompanharam em nossas deliberações aqui. Na medida em que a partilha de nossas experiências missionárias foi se desenvolvendo, entramos nos seus mundos e fomos tocadas pelas situações de cada continente no qual servimos. Nós ouvimos relatos sobre a realidade das escravidões modernas, da exclusão, da extrema pobreza, do isolamento, da violência, das inseguranças... também tivemos o privilégio de ouvir e fazer a experiência em nossa oração do quanto os pobres nos ensinam e nos chamam a ser mais. Tivemos a oportunidade de entrever vibrantes lampejos de esperança que emergem da presença diária de nossas Irmãs nas vidas dos pobres, e também dos encorajamentos vindos da colaboração e do trabalho em rede bem organizados e criativos.

Meu coração se emocionou diariamente com o testemunho da maneira audaciosa, dinâmica e comprometida com que cada uma de vocês - 150 corações e almas unidos - entrou nesta experiência de escuta atenta e de partilha. Seu exemplo foi verdadeiramente edificante para mim. Esta experiência única de unidade me oferece muitos motivos de louvor e ação de graças. Foi uma oportunidade sagrada para viver nosso espírito de comunhão.

Minha esperança - e na verdade minha expectativa - é que o tema de nossa Assembleia: “*A audácia da Caridade para um novo elã missionário*” continuará a ser o vento que nos conduzirá e nos fará avançar ao longo dos próximos seis anos. Tenho certeza de que suas Irmãs aguardam sua partilha em cada uma das suas Províncias - e

que com elas - certamente com todas elas - vocês nos ajudarão a centralizar nossas vidas ainda mais profundamente em Cristo. Vocês nos levarão em direção às periferias.

Também tenho certeza de que estas explorações serão preparadas e assumidas com discernimento genuíno e com radical coragem e audácia! Consideremos mais uma vez as palavras do Irmão Aloïs que nos encorajou a “avançar no caminho do amor” e também o conselho de Irmã Sujita que nos assegurou que “enraizadas em Cristo, daremos frutos na Missão”.

Nossa escolha em ousar viver de maneira simples e radical, em ousar viver unidas em comunhão, em ousar viver a compaixão de Jesus será a luz que iluminará nosso caminho, extinguirá a escuridão e reduzirá as sombras que ameaçam nos impedir de avançar. Acredito que nossa autêntica vida como servas dos pobres favorecerá o surgimento de algo **novo e audacioso**. Ousemos viver plenamente a riqueza da universalidade do nosso carisma, encontrando Cristo nos pobres e os pobres em Cristo! (C. 10).

E agora, é com profunda alegria que em seu nome, agradeço ao Senhor pelas muitas pessoas que fizeram desta Assembleia uma experiência sagrada e memorável para nós:

Primeiramente, agradeço ao Pe. Gregory por nos ter consagrado tanto do seu tempo. Tenho consciência das múltiplas responsabilidades que ele assume e da amplitude de sua agenda diária. Padre Gregory, obrigada por levar tão a sério o desejo de Santa Luísa de que os Padres da Missão sejam nossos guias espirituais e colaboradores na formação. Nós apreciamos a maneira como você vive este compromisso conosco. Agradecemos também ao Pe. Bernard por ter começado esta jornada conosco através de suas conferências durante o Retiro, por sua presença diária aqui entre nós e também por sua total disponibilidade às nossas necessidades.

Desejo também agradecer às Irmãs que se doaram a fim de que tudo corresse bem em nossa programação:

- Às Irmãs da Casa Mãe que facilitaram nosso trabalho sendo disponíveis e respondendo constantemente às nossas necessidades, desde os refeitórios até às nossas salas de trabalho e às áreas onde estão nossos quartos, na verdade, até os cantos mais distantes desta nossa casa,

- Às intérpretes e tradutoras,

- À equipe do Secretariado incluindo aquelas que nos ajudaram diariamente aqui na sala,

- E, evidentemente, à Irmã Ana Maria Olmeda, nossa Secretária Geral, e à Irmã Pia Humbel, nossa Ecônoma Geral.

Quero agradecer também a vocês - membros da Assembleia. As últimas seis semanas não teriam sido o que nós vivemos se vocês não tivessem participado plenamente enquanto trabalhávamos nos grupos de trabalho, nos fóruns e nas sessões plenárias e também em nossos momentos de oração e descontração. Além disso, agradeço especialmente àquelas dentre vocês que nos ajudaram através do serviço como facilitadoras e secretárias em seus grupos de trabalho e de língua.

Do mesmo modo, estendo minha gratidão aos membros das várias comissões - a equipe de liturgia, de decoração, de acolhida, de comunicação e a Comissão de Redação. Peço desculpas por não mencionar o nome de todas individualmente, mas permitam-me mencionar o nome de nossas duas fiéis e competentes Secretárias: Irmã Marie-Françoise Crepin e Irmã Anne Prévost.

Nenhuma palavra expressaria adequadamente minha gratidão aos membros da Comissão de Coordenação. Elas começaram a trabalhar muito tempo antes da abertura da Assembleia e ainda não pararam até este momento! Irmã Micheline Tremblay que colaborou como nossa Facilitadora e Irmã Rosa Maria Miro, Irmã Françoise Petit, Irmã Marie Odile Herbet, Irmã Marjory Ann Baez, Irmã Maria del Carmen Polo e Irmã Marie Zenaïde Rahelinirina. Sua sabedoria, sua total disponibilidade e ilimitada flexibilidade sempre realizando cada uma de suas tarefas com um sorriso e uma calma tranquilizadora nos impressionaram.

Irmãs, acredito que vocês viram por si mesmas e compreenderam bem que membro plenamente comprometido, que imenso apoio e que presença positiva Irmã Evelyne foi para nós, especialmente para mim - ao longo de todos estes dias. Não tenho palavras adequadas para expressar minha gratidão, mas rezarei para que eu seja capaz de humilde e simplesmente seguir seu exemplo e ser para cada uma de vocês aquela que exerce a autoridade como serviço assim como Irmã Evelyne o fez diariamente !

Diante de todas e em nome da Companhia, agradeço de maneira especial às seis Conselheiras Gerais que retornarão às suas Províncias: agradeço novamente, à Irmã Rosa Maria Miro-Miro, Irmã Marlene Terezinha Rosa, Irmã Christa Bauer, Irmã Rosa Maria Napolitano, Irmã Madeline Hara e Irmã Zofia Daniscakova. Louvo e

agradeço a Deus pelos dons que elas tão generosamente compartilharam conosco e, pessoalmente, pela alegria que eu tive a oportunidade de sentir, vivendo e trabalhando com cada uma delas, membros de nossa “quase” comunidade local aqui, na Casa Mãe.

Meu agradecimento também àquelas que continuarão neste serviço comigo – Irmã Françoise Petit, Irmã Neghesti Michael e Irmã Iliana Suares Perez. Finalmente, agradeço às Irmãs que generosamente concordaram em deixar suas Províncias para caminhar audaciosamente conosco como Conselheiras Gerais: Irmã Raimunda Corina Sousa Bastos, Irmã Hanna Cybula, Irmã Maria Theresa Mueda, Irmã Carmen Perez Gonzalez e Irmã Marie Raw. Em nome de nosso novo Conselho Geral, eu agradeço a todas vocês, membros desta Assembleia Geral, por nos confiarem este serviço pelos próximos seis anos. Podem ter certeza que faremos o nosso melhor a fim de servi-las como servas – esforçando-nos para avançar audaciosamente com um novo elã missionário. Pedimos suas orações e prometemos-lhes nossa dedicação e uma comunicação aberta. Também prometemos fazer o melhor possível o trabalho que nos foi confiado em relação à finalização do Documento de nossa Assembleia, esperando e rezando para que, na realidade, **cada uma de VOCÊS seja um Documento Vivo desta Assembleia geral!**

Que possamos, agora, partir cheias de gratidão por tudo que foi realizado e que vivamos na alegria antecipada de tudo o que ainda virá preencher nossos dias como Filhas da Caridade - humildes servas dos pobres, acreditando com confiança que “*tudo terminará bem*” (Juliana de Norwich).

Permitam-me concluir convidando, novamente, o Cristo a permanecer em nossos corações através da fé e invocando a intercessão de São Vicente e Santa Luísa os quais, tenho certeza, estão sorrindo para suas Filhas neste momento. Que nossos Santos Fundadores continuem a encorajar cada uma de nós a aprender e a procurar imitar Maria, que acolheu tão inteiramente o Cristo em sua vida. Com simplicidade, repito a oração do Papa Francisco:

*Virgem e Mãe Maria,
Vós que, movida pelo Espírito, acolhestes o Verbo da vida
na profundidade da vossa fé humilde,
totalmente entregue ao Eterno,
ajudai-nos a dizer o nosso “sim”
perante a urgência, mais imperiosa do que nunca,
de fazer ressoar a Boa Nova de Jesus.*

*Alcançai-nos agora um novo ardor de ressuscitados
para levar a todos o Evangelho da vida que vence a morte.
Dai-nos a santa ousadia de buscar novos caminhos
para que chegue a todos o dom da beleza que não se apaga.*

*Estrela da nova evangelização,
ajudai-nos a refulgir com o testemunho da comunhão,
do serviço, da fé ardente e generosa,
da justiça e do amor aos pobres,
para que a alegria do Evangelho - e a audácia de nossa caridade -
chegue até aos confins da terra
e nenhuma periferia fique privada da sua luz.*

*Mãe do Evangelho vivente,
manancial de alegria para os pequeninos, rogai por nós.
Amém, Aleluia!*

(Evangelii Gaudium, nº 288)

*Irmã Kathleen APPLER,
Filha da Caridade*

Eucaristia de Encerramento

Homilia do Superior geral,
12 de junho de 2015.

Hoje, na festa do Sagrado Coração de Jesus, chega ao fim o nosso tempo passado juntos. É uma festa que combina bem com o que vivemos, pois, como mencionei numa homilia anterior, o coração é uma imagem muito familiar a todos nós que aqui estamos reunidos. Na Capela está o coração de São Vicente Paulo. O selo da Companhia é um coração com a cruz em seu centro. Realmente, é no coração amoroso de Cristo e no coração intercessor de Maria, Mãe da Igreja e da Companhia, que encontramos a energia e a força para viver o carisma Vicentino. Embora pareça

uma coincidência, é realmente providencial que a conclusão desta Assembleia seja na festa do Sagrado Coração. É o último momento de graça neste nosso tempo juntos.

Ao se prepararem para concluir esta Assembleia, levem consigo a “audácia da Caridade para um novo elã missionário”. Fortificadas pela reflexão, pela oração e pelo que chamo os três “**D**”: discernimento, discussão e decisão, vocês retornam renovadas para suas Províncias. Seus corações estão cheios de entusiasmo e disposição para retornar e anunciar “o que vimos e ouvimos” (1Jo 1,3).

Na primeira leitura de Oseias, o profeta revela um Deus que ama e cuida do seu povo errante. Apesar dos israelitas frequentemente romperem sua aliança com Deus, o Senhor diz ao profeta: “*meu coração comove-se no íntimo e arde de compaixão*” (Os 11, 8). Usando a imagem de um pai que cuida do seu filho, Oseias nos descreve o relacionamento de Deus com Israel: “*criança, eu já amava... Eu os atraía com laços de humanidade, com laços de amor; era para eles como quem leva uma criança ao colo, e rebaixava-me a dar-lhes de comer*” (Os 11, 1; 3-4). Este é um Deus cujo coração está aberto à salvação, não à condenação!

Neste tempo juntas em Assembleia da Companhia das Filhas da Caridade, vocês cumpriram seu dever. Agora, devem seguir adiante e mostrar às suas Irmãs e à Família Vicentina como se comprometer com a “audácia da Caridade para um novo elã missionário”. Lembrem-se de que a verdadeira audácia cria um elã permanente e uma caridade verdadeira fortalece e clarifica a missão.

Quais são os elementos necessários para fazer a audácia da caridade para um novo elã missionário dar frutos? Embora este não seja um momento para um discurso exaustivo, acredito que há alguns elementos concretos que vocês podem partilhar com suas Províncias e ajudar as Irmãs a colocá-los em prática. Trata-se, sobretudo, de: disposição para correr riscos; inovar por ideias que fujam das maneiras convencionais de engajamento com a missão; exercitar o princípio da subsidiariedade, tanto na vida comunitária como na missão; desenvolver e implementar objetivos claros com metas avaliáveis.

Ao começarmos o “*Ano da Colaboração para a Família Vicentina*”, sua “audácia” pode consistir em unir-se aos religiosos e leigos dos vários ramos da Família que compartilham seu carisma. Temos ótimos grupos na Família que abraçam nossa perspectiva vicentina com muito entusiasmo e podem tanto aprender com a Companhia, e, por sua vez, ajudá-las a viver a “audácia da caridade para um novo elã missionário”.

Lembro, por exemplo, que foi através de uma Filha da Caridade, Rosalie Rendu, que o Bem-aventurado Frederico Ozanam, aprendeu a arte de servir os pobres no estilo Vicentino. Hoje, graça aos esforços da Irmã Rosalie, em sua origem, a Sociedade de São Vicente de Paulo é conhecida e reconhecida internacionalmente por seu serviço compassivo e competente aos pobres. Nossa Família Vicentina oferece muitas outras oportunidades para a colaboração e o enriquecimento mútuo em nosso carisma. Então, que este Ano da Colaboração seja um momento para fortalecerem e expandirem os laços que unem as Filhas da Caridade e os vários ramos da Família Vicentina.

Junto com a Família, deixem que esta Assembleia seja uma experiência que leve a Companhia a aproximar-se dos jovens, a fim de que eles percebam a beleza audaciosa de como a “*caridade de Cristo impele vocês*” (cf. 2Cor 5, 14). Apesar disto acontecer em muitas Províncias, deixem que esta Assembleia seja uma experiência na qual vocês encontrem novas maneiras de serem dinamizadas pelos jovens, cujos ideais e aspirações irão fazer eco ao testemunho de fé e ao carisma de caridade que tanto caracteriza a Companhia.

Em muitas Províncias, as Irmãs assessoram a Juventude Mariana Vicentina e o MISEVI, nossos grupos leigos explicitamente para jovens. Seria um maravilhoso testemunho de sua audácia e desejo de um novo elã missionário se, na próxima Assembleia Geral, em 2021, todas as Províncias da Companhia tivessem Irmãs e um trabalho pastoral com a Juventude Mariana Vicentina e o MISEVI. Se vocês acham isso difícil ou improvável, eu as encorajo a pesquisar como religiosos de outros ramos da Família têm tido êxito no trabalho com os jovens. É muito animador e possível!

A palavra “**renovação**” aparece, frequentemente, numa Assembleia Geral. Talvez, agora, vocês estejam um pouco cansadas de ouvi-la! Contudo, a questão permanece: que tipo de renovação será melhor para provocar a audácia da caridade para um novo elã missionário?

Como sabem, ela começa com a conversão pessoal; corações humildes e abertos para buscar e expandir o perdão como Jesus fez a partir de seu Sagrado Coração. Somente após esta conversão é que podemos trazer uma renovação à missão e a vida comunitária. Devemos aprender a aceitar uns aos outros e aqueles que servimos, tal como são e não como gostaríamos que fossem.

:

Na leitura da Carta aos Efésios, Paulo admite: ” *apesar de ser o último de todos os santos, recebi a graça de anunciar aos pagãos a insondável riqueza de Cristo* ” (Ef 3, 8). Antes, Paulo era orgulhoso e arrogante, após a sua renovação em Cristo, teve que reaprender em que consistia sua fé e quais atos deveria realizar em coerência com ela.

Ao participarmos juntos desta Eucaristia de encerramento, vamos unir nossos corações ao Coração de Jesus e sua Mãe, Maria, a Mãe da Companhia. O Evangelho de hoje descreve o corpo ferido do Senhor morto, depois de sua crucifixão. Entretanto, sabemos que a história de Jesus não para nesta simples e triste passagem. Sua ressurreição é seu dom para nós, dado por um coração cheio de amor. Então, deixemos que esta última Eucaristia juntos em uma Assembleia nos dê força para a viagem para a casa levando a audácia da caridade para um novo elã missionário. Que a vida dos nossos Santos Fundadores, Vicente de Paulo e Luísa de Marillac, continue a nos inspirar e que suas orações nos unam num maior amor a Deus e num serviço mais apaixonado aos pobres.

Padre Gregory GAY, cm
Superior geral